



A Mudança da Língua Usual nos Novos Locutores de Galego Neofalantes

Vlasta Kováčová-Moman



Universidade Marc Bloch, Estrasburgo
Departamento de Dialectologia
Master Investigaçom
Parcours Plurilinguisme Européen et Interculturalité

Vlasta Kováčová-Moman

**A Mudança da Língua Usual
nos Novos Locutores de Galego - Neofalantes**

T.E.R. apresentado por

Vlasta Kováčová-Moman

Preparada sob a direcçom de Arlette Bothorel-Witz
Professora de dialectologia, Universidade Marc Bloch, Estrasburgo II

Ano universitário 2006 / 2007

Agradecimentos	4
1. Introdução	5
2. Dados gerais sobre a comunidade linguística	7
2.1 História da língua e da sociedade galegas	7
2.1.1 Da província romana da Gallaecia ao reino da Galiza	7
2.1.2 A Idade Média	7
2.1.3 Os séculos obscuros	8
2.1.4 Século XIX: o Rexurdimento (Ressurgimento da literatura galega)	8
2.1.5 Século XX: as Irmandades da Fala, a guerra civil, o regime franquista, a transição democrática e a autonomia da Galiza	9
2.2 Novos locutores do galego: contexto histórico	10
2.3 Situação geográfica, política e económica	11
2.4 Política linguística geral	12
2.4.1 Política linguística educativa	12
3. A evolução socio-linguística na Galiza	15
3.1 O uso da língua em função do sexo e da idade	16
3.2 O uso da língua em função do lugar de residência	17
3.3 A mudança da língua usual	18
4. Novos locutores ou neofalantes	20
4.1 Cara a uma definição do neofalante	20
5. Perspectivas de investigação doutoral	23
5.1 Terreno do inquérito	23
5.2 Apresentação dos informantes	23
5.3 Conceção e metodologia	23
5.4 Estudo de caso: Ernesto	26
5.4.1 Biografia pessoal	26
5.4.2 Biografias escolar e profissional	27
5.4.3 Biografia sócio-linguística	28
5.4.4 Razões para a mudança da língua habitual	30
5.4.5 Transmissão da língua	33
5.5 Síntese geral	34
Conclusão	36
Bibliografia	38
Anexo: Transcrição da entrevista analisada no estudo de caso	41

Agradecimentos

Quero, antes de nada, exprimir todo o meu agradecimento à directora da minha tese de master **Arlette Bothorel-Witz** polos seus oportunos conselhos e polos seus ánimos para continuar este projecto, assim como pola sua valiosa ajuda quando pedi a bolsa que me permitiu umha segunda estada na Galiza para ampliar o meu trabalho sobre o terreno.

Gostaria também de agradecer **Celso Alvarez Cáccamo** (Universidade da Corunha) por me ter guiado, animado, aconselhado e por ter partilhado comigo as suas reflexons e as suas experiências durante as nossas longas discussons sobre o tema.

Dirijo, por outra parte os meus agradecimentos a **Manuel Fernández Ferreiro** (Universidade da Corunha), **Pilar García Negro** (Universidade da Corunha) e **Gabriela Prego Vázquez** (Universidade de Santiago de Compostela), pola paciência de que dérom provas respondendo a todas minhas numerosas questons.

Queria agradecer igualmente **Dominique Huck** pola sua amabilidade e por me proporcionar a oportunidade de apresentar umha parte do meu trabalho no seu curso de Políticas linguísticas.

Quero agradecer a ajuda e o apoio dos membros da Associação Galega da Língua (**AGAL**), muito especialmente **Bernardo Penabade** por me ter proposto este tema de investigación e polas suas qualidades humanas.

Os meus agradecimentos atingem igualmente o **Centro Ramón Piñeiro** (Santiago de Compostela) polo apoio financeiro sem o qual, umha parte deste trabalho nom poderia ter-se realizado.

Obrigada às **minhas duas famílias, galega e eslovaca**, por me ter apoiado ao longo do meu trabalho, e em particular a **Miro**.

Finalmente, desejo agradecer a todas as **pezoas entrevistadas** o tempo e a confiança que me outorgaram.

1. Introduçom

Umha das questons fundamentais numha situaçom de contacto entre línguas, marcada pola diminuiçom contínua do número dos locutores de umha das línguas em presença, é, sem dúvida, a que atinge à conservaçom da língua. No quadro de um contexto linguístico como este pode-se observar, por regra geral, dous processos característicos que afectam a situaçom sócio-linguística: a (nom) transmissom familiar da língua e o fenómeno de mudança da língua habitual. No caso da Galiza, que analisaremos neste trabalho, estes dous factores contribuem à diminuiçom global do número de locutores de umha das línguas em presença (o galego) em favor da segunda língua presente no mesmo território (o castelhano). Porém, pode-se constatar ao mesmo tempo a existência de um fenómeno contrário em relaçom com as tendências globais : o da mudança para a língua minorada (o galego) como língua habitual. Este último constitui o objecto central deste trabalho.

Umha das principais motivaçons desta memória atinge às razons que conduzem à mudança da língua habitual (no nosso caso do castelhano para o galego) assi como às eventuais reacçons do entorno a propósito da mesma. Trata-se de examinar as causas que levaram a umha tal mudança assi como o contexto na que a mesma se produziu, baseando-se na análise das declaraçons dos próprios *neofalantes* obtidas durante entrevistas inter-activas realizadas na Galiza em Março e Abril de 2007. Além disso, trataremos de reagrupar alguns rasgos característicos dos novos locutores do galego, os *neofalantes*. Também nos interessaremos na transmissom intergeracional da língua neste mesmo grupo. Dito de outro jeito, procuraremos estudar si os novos locutores de galego, aos que os seus pais nom lhes transmitiram o galego, tenhem a intençom, eles, de lhe-lo transmitirem aos filhos.

Afim de nom reduzirmos a complexidade do contexto sócio-linguístico galego, abordaremos, numha primeira fase, os dados gerais sobre a comunidade linguística na Galiza. Nesta parte interessaremos-nos sobretudo a posta em perspectiva histórica da situaçom de contacto de línguas. Mais tarde, descreveremos brevemente a evoluçom sócio-linguística na Galiza. A seguir tentaremos definir o novo locutor do galego, o *neofalante*. Aliás, explicaremos a metodologia do nosso trabalho e apresentaremos um estudo de caso. Finalmente exporemos algumas conclusons e as perspectivas da fase seguinte da nossa investigaçom.

Procuraremos, primeiro, expor a situaçom actual do contacto de línguas na Galiza desde umha perspectiva histórica. Trataremos, em particular das atitudes da sociedade a respeito das línguas em presença e da sua evoluçom no transcurso da história. Aliás, interessaremos-nos no contexto histórico do fenómeno estudado neste trabalho, o dos *neofalantes*, que, nom sendo um fenómeno novo, nom começa, porém, a ser socialmente significativo na Galiza mais que nas últimas décadas.

A seguir prestaremos atençom a alguns dados gerais que concernem a situaçom geográfica, política e económica da comunidade autonoma de Galiza. Além disso, abordaremos brevemente a política linguística geral e a educativa em vigor na regiom.

O terceiro capitulo consagrara-se à descriçom da evolucionam sócio-linguística em Galiza.

Trataremos nel da primeira língua da população assi como do uso da língua em função da idade, do sexo e do lugar de residência para ver a estratificação das línguas em presença. Também se prestará atenção ao fenómeno da mudança da língua habitual.

No capítulo seguinte examinaremos diferentes maneiras de definir os novos locutores do galego. Também nos interessaremos na comparação do conceito de *neofalante* em Galiza com as que existem em Catalunha e no País Vasco.

A parte seguinte estará consagrada à metodologia do nosso projecto. Procuraremos nela darmos conta da metodologia utilizada assi como apresentar o terreno do inquérito e os informantes. Em particular, focalizaremos a descrição das características da entrevista interactiva em tanto que meio de recolhida dos dados utilizados no trabalho.

Aliás, procederemos ao estudo do caso de umha das entrevistas que constituem o nosso corpus. Focalizaremos, todavia, para além dos dados pessoais e a biografia escolar e profissional, a sua biografia sócio-linguística, e nomeadamente as razões para mudar de língua habitual do mesmo jeito que a transmissão da língua. Esta análise será seguida da síntese geral de vários aspectos convergentes das entrevistas do nosso corpus.

Finalmente, exporemos algumas linhas gerais de umha tese de doutoramento na que nos propomos desenvolver e estudar mais pormenorizadamente o fenómeno da mudança para umha linguagem minorada em tanto que língua habitual; sendo apenas um rascunho o presente trabalho de Master. Polo que sabemos, trata-se de um processo sócio-linguístico muito pouco estudado, que apresenta em Galiza características muito particulares que o diferenciam de outros casos análogos, como o de Catalunha, por pormos um exemplo.

2. Dados gerais sobre a comunidade linguística

2.1 História da língua e sociedade galegas

« (...) *historical dimension should be intrinsic to every synchronic or diachronic observation made in and about language. Every language fact is intrinsically historical* ».¹

(Blommaert, 1999:6)

Este sub-capítulo tem como objecto descrever brevemente a história da Galiza pondo o acento nas personagens, acontecimentos e factos históricos que tenham ou tiveram um impacto considerável sobre o desenvolvimento da língua e/ou da sociedade. Trataremos, em particular, as relações e atitudes da sociedade a respeito da língua presentes no território que constitui actualmente a comunidade autónoma da Galiza. Para isto, não poderemos poupar uma parte histórica que é indispensável para compreendermos o contexto sócio-linguístico de hoje em toda a sua riqueza e toda a sua complexidade.

2.1.1 Da província romana de Gallaecia ao reino de Galiza

A Galiza deve o seu nome aos *Gallaeci*, um povo antigo de cultura céltica que se instalou nesta região e cuja língua manteve-se até a chegada dos Romanos (mas que não sobreviveu ao fim do Império romano). A *Gallaecia* (nome antigo da Galiza), que compreendia então, para além do território actual da Galiza, o Norte do actual Portugal e uma parte das Astúrias e de Leom, converteu-se em província romana no século Iº antes da nossa era. No plano linguístico, pode-se constatar que o galego (um dos dialectos do latim, falado nesta região) segue a ser o rasgo fundamental deixado pelos Romanos. Bem entendido, a herança linguística de Roma estende-se a todas as línguas da península Ibérica de hoje, com a excepção do basco. Porém, cumpre precisar que a romanização deste território foi lenta e incompleta até a chegada do cristianismo. (Portas, 1995 : 47)

Os derradeiros anos do Império romano estiveram marcados pelas invasões germânicas, como consequência os Suevos (antepassados dos Suábos actuais) instalaram-se em toda a Gallaecia fundando um reino no século V. O reino de Galiza teve uma existência intermitente até o século XIII, quando foi definitivamente anexado ao reino de Castela. Um século antes, o reino de Portugal constituía-se a seguir a uma partilha do reino de Galiza (este último foi também chamado eventualmente reino de Astúrias ou de Leom).

2.1.2 A época da Idade Média

As invasões germânicas não marcaram de forma significativa a situação sócio-linguística da Gallaecia. Com efeito, os invasores já foram, a miúdo, impregnados pela cultura romana. Além

¹ «A dimensão histórica deveria ser intrínseca a toda observação sincrónica ou diacrónica feita em e sobre a língua. Todo facto linguístico é intrinsecamente histórico» [a tradução é nossa].

disso, sempre foram minoritários e ultrapassados em número polos Gallaeci. Tira-se disto que esses povos germânicos integram-se bastante rapidamente à população local. A chegada dos Árabes não modificou tampouco esta situação, pela sua curta presença no território. (Portas, 1995:49-50).

Podemos, seguindo a Portas, caracterizar a época alto-medieval como um período durante o qual o galego foi utilizado quase exclusivamente oralmente, enquanto que o latim continuou como língua administrativa e litúrgica. O galego, porém, ganha pouco e pouco e durante séculos terreno, em tanto que língua de comunicação na administração e no domínio cultural, em particular no campo da literatura lírica galego-portuguesa, considerada, depois da lírica occitana, como uma das mais importantes da sua época. A presença do castelhano², cujo uso permanece limitado ao seu emprego esporádico nos documentos dirigidos ao rei, a partir do século XIII, é desprezível nesta época.

2.1.3 Os séculos obscuros³

Venham a seguir os séculos obscuros (XVI-XVIII) que começam com o reinado dos Reis Católicos em que a nobreza galega (e também o clero e os funcionários) é sistematicamente suplantada por uma nobreza de origem acastelá; a Galiza é definitivamente integrada a Castela. Esta situação, sustido por lei, tem como consequência que o uso do galego se limite praticamente às comunicações orais informais. Porém, continua a ser a língua usual da grande maioria da população.

2.1.4 Século XIX: O Rexurdimento (Renascimento da literatura galega)

No século XIX, um movimento político, inspirado pelas ideias da Revolução Francesa, nomeadamente a ideia do direito dumha nação a ser governada por si mesma, nasce na Galiza, caracteriza-se pela oposição entre os defensores do absolutismo monárquico e os que defendem a ideologia liberal saída da Revolução. Este movimento que se estende a partir dos anos 1840 (até os anos 1850), sobretudo nos meios intelectuais da pequena burguesia, defende a ideia da integridade territorial. Noutros termos, demanda a volta a uma única província (em lugar das quatro criadas em 1833) em tanto que maior unidade administrativa, de aí o seu nome: *provincialismo*.

A diferença do provincialismo que acordava pouca importância à língua no processo de recuperação da identidade galega, o *regionalismo* defende a coexistência harmónica das duas línguas – o castelhano (o espanhol), em tanto que língua comum de todas as regiões de Espanha, e a língua regional (neste caso o galego). trata-se de um movimento nascido nos anos 1880 que considera o galego como um dos símbolos mais fortes da comunidade. De aí também uma mudança conceptual na percepção do galego que, depois de ser considerado como *dialecto* do espanhol durante os *séculos obscuros* (ver por exemplo Portas, 1995), começa a ser percebido como uma língua per se (alguns autores põem também o acento sobre a sua proximidade linguística, ou a sua semelhança, com o português).

2 Nom faremos distinção entre os termos *castelhano* e *espanhol* (para designar a língua oficial de Espanha), utilizaremos-os indistintamente.

3 O termo *séculos obscuros* designa os anos que vão do fim do XV. até o fim do XVIII, durante os quais a literatura galega entra num período de decadência e o galego perde o seu registo culto.

Ao mesmo tempo, o contexto socio-político, profundamente marcado também pela emigração maciça a América, acompanhada em paralelo de um movimento literário, o *rexurdimento* (o renascimento literário galego), cuja característica principal é a revitalização do galego em tanto que língua de comunicação social e de expressão cultural, depois dos *séculos oscuros*. Os seus representantes principais são os poetas Manuel Curros Enríquez, Eduardo Pondal e, sobretudo, Rosalia de Castro, cujo marido, Manuel Murguía, é uma das personagens mais importantes do regionalismo.

No plano sócio-linguístico, pode-se constatar, sempre segundo Portas (1995), que o galego segue a ser a língua de comunicação oral informal de uma grande maioria da população no século XIX. O castelhano, pese a lenta recuperação do galego como língua escrita, continue a ser a língua dominante, ou – em numerosos contextos – a língua exclusiva.

2.1.5 Século XX: As Irmandades da Fala, a guerra civil, o regime franquista, a transição democrática e a autonomia da Galiza.

Pode-se constatar no século XX uma aceleração dos processos sócio-linguísticos começados já no século precedente (Portas, 1995 : 97). A consciência linguística aumenta tanto de forma quantitativa como qualitativa. O galego, depois de um período em que não era praticamente utilizado na escrita, apenas como língua literária e jornalística, começa a ser empregado em todos os domínios. O avanço importante no processo de revitalização da língua, a respeito do século precedente, é, como precisa Manuel Portas, que:

«*Demanda-se a galeguización plena da sociedade, e, a diferenza da etapa anterior, demanda-se en galego (...)*».

Ao mesmo tempo, esta consciência linguística manifesta-se também na criação de várias organizações culturais, entre elas a rede das *Irmandades da Fala* pode ser considerada como a mais importante. Esta rede procura valorizar o galego em todos os domínios e fundar editoriais para publicar as obras e os jornais em galego. Além disso dará lugar em 1918 ao nacionalismo galego (Portas, 1995 : 97). Como consequência da campanha política levada adiante pelo *Partido Galeguista* (Partido Nacionalista Galego), presidido por Daniel R. Castela - a personagem mais influente e mais emblemática do nacionalismo galego - o estatuto de autonomia de Galiza plebiscita-se e aprova-se em 1936.

Durante o século XX o processo de *castelhanização* (procurando impor o castelhano) da sociedade continua a se fazer mais amplo. Este processo vê-se reforçado, entre outros factores, pela urbanização mas sobretudo pela aparição dos meios de comunicação de massas, começando pela rádio (nos anos 30) e mais tarde pela televisão (nos anos 80). Estes meios utilizaram quase exclusivamente o espanhol, até uma época muito recente, como sublinha M. Portas. Porém, o galego ganha terreno consideravelmente durante este período até que em 1936 estoura a guerra civil espanhola que corta bruscamente esta progressão.

A guerra civil, devida à sublevação de uma parte do exército espanhol contra o governo democrático da Segunda República, foi seguida pelo período da ditadura do General Franco (de 1939 até a sua morte em 1975). Durante o franquismo, o Estado:

« (...) reprime de raiz calquer manifestación pública, cultural, escolar, oficial dos idiomas galego, basco e catalán, deixando sen efecto os Estatutos aprobados e ditando decretos e ordes expresamente proibitivas do seu uso e prescriptivos do uso do español como única língua oficial. » (García Negro, 1991 : 230).

Para caracterizar a atitude do governo do general Franco respeito às línguas faladas em Espanha, diferentes do castelhano, pode-se citar também o infame prospecto que circulou na Corunha em 1955 que fala por si mesmo:

« Hable bien. Sea patriota. No sea bárbaro. Es de cumplido caballero que usted hable nuestro idioma oficial, o sea, el castellano. Es ser patriota. Viva España y la disciplina y nuestro idioma cervantino. ¡¡Arriba España!! » (Portas, 1995:114).

Ao final da ditadura franquista (1975), Galiza pudo, por fim, beneficiar-se de um estatuto de autonomia (1981): durante o período da Transição democrática espanhola o franquismo foi progressivamente substituído por um regime democrático. Este período estende-se da morte do general Franco (1975) até a primeira alternância política em 1982 quando o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) chega ao poder. Vamos falar do desenvolvimento recente da sociedade galega e das tendências actuais nos sub-capítulos seguintes, nomeadamente no que atinge à situação política e económica assim como na parte consagrada à evolução sócio-linguística da Galiza.

2.2 Novos locutores do galego : contexto histórico

Podemos falar já, em certo sentido, de novos *locutores* do galego⁴ no século XIX, sobretudo para escritores e intelectuais. Podemos recordar que estes *neofalantes* saíram, maioritariamente, do movimento do *Rexurdimento* assim como do *regionalismo*. Porém, podemos constatar, segundo Manuel Fernández Ferreiro,⁵ que o número de pessoas que poderíamos, de certa maneira, chamarmos *novos locutores* do galego nessa época, era relativamente desprezível. Além disso, o contexto sócio-linguístico evoluiu consistentemente entre esse mesmo período e os anos 1970, e ainda mais 1980, durante os quais os *neofalantes* representam um grupo social importante. Galiza, ao começar o século XX, era uma região, maioritariamente, rural, muito pouco afectada pela revolução industrial do século XIX em Europa. Na altura a grande maioria dos galegos vivia nesse meio rural, mais ou menos auto-suficiente, muito pouca gente vivia nas cidades onde o castelhano era, por regra geral, exigido no meio profissional. Podemos lembrar agora que mais tarde, durante todo o período do franquismo (1939-1975), o uso do galego estava proibido na esfera pública.

4 Para a definição deste termo e para as características dos novos locutores do galego, os *neofalantes*, ver o capítulo 4.

5 Comunicação pessoal.

Este trabalho permitiu-nos considerar o grupo dos *neofalantes* como um fenómeno socialmente significativo à partir do fim da década dos 70 e o começo da dos 80 por diferentes razões. Num primeiro tempo, podemos considerar os anos 1960 como a época em que nascem os primeiros - futuros - *novos locutores*, que som sujeito deste trabalho. Esses anos distinguiram-se por um considerável câmbio sócio-económico devido à industrialização das grandes cidades, nomeadamente polas cidades costeiras no caso da Galiza, pois a emigração maciça do interior rural para as zonas industrializadas costeiras começou nessa altura. Este facto levou consigo o uso do espanhol no ambiente profissional. Em consequência, numerosos pais decidem nom lhes transmitir o galego aos seus filhos, para lhes oferecer o que estimavam ser umha melhor « situação de saída » ou um « futuro melhor » utilizando a língua que consideravam como *legítima*.⁶

Aliás, o poder de compra desta geração começou a ser mais importante (em muitos casos) o que facilitou o acesso aos média de massas (exclusivamente disponíveis em castelhano) a estes *imigrados urbanos*. Todavia, esta situação sócio-linguística intensificou-se polo acesso maciço das classes populares ao ensino, (inclusive aos estudos universitários), em parte graças às abundantes bolsas de estudos oferecidas polo Partido Socialista à sua chegada ao poder em 1982. Mas foi, sobretudo, o resultado da generalização do ensino obrigatório. É neste contexto, nomeadamente depois da introdução do galego no ensino em 1982, quando o grupo dos jovens pujo-se a procurar o que considerava como a sua identidade através da língua. É entom quando ganha mais e mais terreno em tanto que grupo social.

2.3 Situação geográfica, política e económica

Situada ao noroeste da Espanha e delimitada por Astúrias e Castela-Leom, Portugal e o Oceano Atlántico, Galiza ocupa umha superfície de 29 574 km² (5,8 % de Espanha) e possui 2,7 milhões de habitantes (6,28% de Espanha). Está formada por quatro províncias: A Corunha, Lugo, Ourense e Ponte Vedra. Santiago de Compostela é a capital da comunidade autónoma.

A Galiza é umha comunidade autónoma com um estatuto de nacionalidade histórica desde 1981. Em tanto que comunidade autónoma de Espanha, Galiza exerce os poderes que lhe som entregues polo estatuto de autonomia no quadro da Constituição do Estado espanhol. A Xunta de Galiza, a cuja cabeça se acha o presidente da Galiza, exerce o poder executivo. O poder legislativo exerce-o o Parlamento de Galiza, com 75 deputados. As últimas eleições (2005) deram lugar a umha alternância nesta região autónoma, dirigida durante quatro mandatos consecutivos polo Partido Popular (PP). Desde entom é umha aliança entre o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e o Bloque Nacionalista Galego (BNG) quem governa. Manuel Fraga Iribarne, um dos antigos ministros do general Franco, que foi presidente da Galiza desde 1989 até Julho de 2005, foi substituído depois destas eleições polo socialista Emilio Pérez Touriño.

No plano económico, a agricultura, a pesca e os serviços som os sectores dominantes da actividade. A actividade industrial existente manifesta-se sobretudo nos sectores ligados à agricultura, a pesca

6 Utilizamos o termo *língua legítima* no sentido de Bourdieu.

e a navegação. A Galiza continua a ser um território onde a imigração é menos importante do que a emigração, sobretudo para as regiões mais prósperas Espanha assim como para outros países da União Europeia.

2.4 Política linguística geral

Vários documentos oficiais fixam o emprego das línguas tanto a nível estatal como a nível da comunidade autónoma da Galiza. Este está principalmente regulamentado pelo artigo 3 da *Constituição espanhola* de 1978 segundo o qual « *O castelán é a lingua española oficial do Estado* » e « *tódolos españois teñen o deber de a coñecer e dereito da usar* ». ⁷ A segunda alínea deste artigo precisa que: « *As outras linguas españolas serán tamén oficiais nas respectivas Comunidades Autónomas de acordo cos seus Estatutos* ». O *Tratado Europeu das Línguas Regionais ou Minoritárias*, assinado em 1992, foi, aliás ratificado em 2001 pelo reino de Espanha.

O emprego das línguas em Galiza está regulamentado pelo artigo 5 do Estatuto de Autonomia que declara o galego como « *língua própria de Galiza* » e segundo o qual « *Os idiomas galego e castelán son oficiais de Galicia e todos teñen o dereito de os coñecer e de os usar* ». ⁸ A política linguística do governo autónomo inscrevia-se até umha época recente no conceito de « *bilinguismo harmónico* ». ⁹ Aliás, a Xunta de Galicia introduziu diversas medidas destinadas a promover o conhecimento e o uso do galego, cuja eficácia foi frequentemente posta em questão, ¹⁰ e que existem mais bem de forma simbólica.

Como apresentam numerosos estudos, ¹¹ bem que o galego seja a língua proporcionalmente mais falada, o seu prestígio social é menor que o do castelhano. Constatam-se também um distanciamento entre o conhecimento e o uso real do galego, especialmente entre os jovens. ¹² O galego continua a ser aliás, primordialmente, umha língua ligada ao meio familiar e às conversas amigáveis, em tanto que o castelhano é maioritariamente utilizado na comunicação escrita.

2.4.1 Política linguística educativa

7 O texto inteiro está disponível em francês em: <http://www.constitucion.es/constitucion/lenguas/frances.html>

8 O texto inteiro está disponível em galego em: <http://galego.org/lexislacion/xbasica/estatuto.html>
e em francês em: <http://www.tlfq.ulaval.ca/axl/europe/espagnegalice.htm>

9 Este conceito é, aliás defendido até hoje polos membros do Partido Popular (PP) utilizando amiúde o slogan « A língua castelhana é tam galega como o galego ». Ver por exemplo a discussão no jornal *Galicia Hoxe* disponível em: <http://www.galicia-hoxe.com/index2.php?idMenu=86&idNoticia=183916>

10 Ver, por exemplo, o estudo sobre o galego em Galiza na página da universidade do Quebec: <http://www.tlfq.ulaval.ca/axl/europe/espagnegalice.htm>

11 Ibid.

12 Ver, por exemplo, o estudo *Idade e comportamentos (socio)lingüísticos na Galicia actual* por Anxo M. Lorenzo Suárez, Universidade de Vigo, 2006, disponível em galego em: <http://webs.uvigo.es/alorenzo//Docs/AnxoLorenzo Idade 2006.pdf>

«O lugar que o sistema de ensino acorda às diferentes línguas (ou aos diferentes conteúdos culturais) tem umha importância tam grande porque esta institución tem o monopólio da produçom maciça dos produtores-consumidores, portanto da produçom do mercado de que depende o valor social da competência linguística, a sua capacidade de funcionar como capital linguístico». (Bourdieu, 2005 : 46)

A *Lei de normalización linguística*¹³ de 1983, que regulamenta o uso das línguas no sistema educativo, concede o estatuto oficial ao galego neste domínio a todos os níveis. Nos estabelecimentos pré-escolares, segundo a lei mencionada acima, os nenos recebem um ensino na língua « materna » predominante. Porém, na prática, os pais temem a miúdo dificuldades para achar um éstabelecimento pré-escolar onde se assegure o ensino em galego.¹⁴

Por outro lado, o governo autónomo, quer dizer a *Xunta de Galicia*, lançou recentemente vários projectos para facilitar a possibilidade de escolarizar a infância em galego (infantários e escola maternal). Para os pais que o desejarem existe umha rede de estabelecimentos pré-escolares *Galescolas*¹⁵ destinados aos nenos de 0 a 3 anos. A entrada em vigor deste projecto está prevista para o ano escolar 2007 /2008.

Além disso, umha nova iniciativa foi anunciada¹⁶ este ano pola *Secretaría de Política Linguística* em Galiza, no quadro do programa *Xeración E Logo !*, que tem como objectivo fornecer aos futuros pais material para estimular o uso do galego na casa para os mais pequenos (como exemplo, existe um guia para os futuros pais, um CD com cançoms de berce, completamente em galego) com o fim de relançar a transmissom familiar do galego.

Em Junho 2007 um novo decreto¹⁷ declarava que polo menos o 50% das matérias deveriam ser ensinadas em galego nos ensinoms primário e secundário, assi como na formaçom profissional a partir do ano escolar 2007/2008. Este decreto procura a repartiçom igualitária das duas línguas em presença no sistema de ensino. Foi aprovado polo Parlamento Galego, mas está a suscitar umha viva polémica. Por umha parte, esta lei está a ser bastante criticada porque as medidas já existentes, pouco coercitivas, e segundo as quais polo menos 30% das matérias deviam ser ensinadas em galego nom foram aplicadas, como prova o recente estudo¹⁸ (2005) do Conselho Escolar de Galiza. Por outra parte, inclusive depois da sua aprovaçom, este decreto continua a ser fortemente criticado polo

13 O texto inteiro está disponível em galego em : <http://galego.org/lexislacion/xbasica/lei3-83.html>

14 Ver, por exemplo, o estudo sobre o galego em Galiza na página da universidade do Quebec: <http://www.tlfq.ulaval.ca/axl/europe/espagnegalice.htm>

15 Para mais informaçom ver : <http://www.galescolas.net>

16 Para mais informaçom ver, por exemplo : <http://www.vieiros.com/nova/58635/normalizacion-linguistica-dende-o-utero>

17 O texto inteiro está disponível em galego na página oficial da *Xunta de Galicia*: <http://www.xunta.es/Dog/Dog2007.nsf/FichaContenido/22B3A?OpenDocument>

18 O texto inteiro intitulado *Informe sobre o estado actual do sistema educativo galego*, está disponível em galego na página do governo autónomo de Galiza (*Xunta de Galicia*): <http://novas.xunta.es/node/5383>

Partido Popular que opom a umha lei assi numha situaçom de contacto de línguas que caracteriza de « *bilinguismo harmónico* ». ¹⁹

No que atinge ao ensino universitário, os professores e os estudantes tenhem o direito de fazerem uso (oralmente e por escrito) da língua oficial que preferirem. Devemos lembrar aqui que existem três universidades em Galiza: a Universidade de Santiago de Compostela, a da Corunha e finalmente, a Universidade de Vigo.

Além disso, em Abril deste ano, antes da aprovaçom do decreto mencionado acima, o presidente do governo autónomo de Galiza estimava que a política linguística a respeito do estatuto do galego no ensino devia ser considerada como um « *fracasso insólito* ». ²⁰ Esta avaliaçom, baseada no informe mais recente (2007) do Conselho Escolar sobre o estado actual do sistema educativo galego, amosta também que a situaçom é ainda mais delicada para os ensinos pré-escolar e primário.

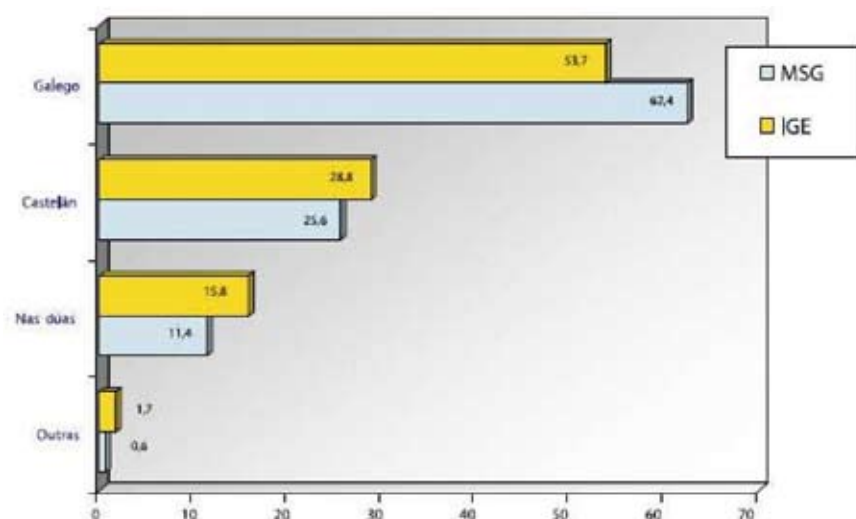
19 Ver, por exemplo: <http://www.farodevigo.es/secciones/noticia.jsp?pNumEjemplar=3036&pIdSeccion=4&pIdNoticia=145631>

20 Ver, por exemplo : <http://www.vieiros.com/nova/57813/tourino-cualifica-de-ldquo-fracaso-insolito-rdquo>

3. A evolução sócio-linguística em Galiza

Neste capítulo, consagrado à (breve) descrição da evolução sócio-linguística da Galiza, apoiaremos principalmente nos dados tirados do estudo *A sociedade galega e o idioma: A evolución sociolingüística de Galicia (1992-2003)*, elaborado polo Consello da Cultura Galega, cujos resultados foram publicados²¹ em 2005 e que é, que saibamos, o estudo sócio-linguístico geral da comunidade autónoma de Galiza mais recente e mais completo (ao nível macro-sócio-linguístico). Trataremos antes da primeira língua da população para depois abordar o uso da língua em função da idade e do sexo assim do lugar de residência. Interessaremos-nos igualmente no fenómeno da mudança da língua usual.

Gráfico 1 – Primeira língua²²



Como se tira do gráfico de cima (gráfico 1), a primeira língua em que a maioria dos inquiridos começaram a se exprimir segue a ser o galego. Porém, inclusive se o galego continua a ser a primeira língua (ou uma das primeiras línguas) de mais da metade da população, a partir da comparação dos dados de 1992 (IGE²³) e 2003 (MSG²⁴) constatamos que este facto deve ser relativizado em razão da considerável diminuição (de 62,4% em 1992 a 53,7% em 2003) do número de pessoas para as que a primeira língua (a língua « materna ») é o galego. Os autores do estudo salientam, ao tempo, o aumento do número de bilingues iniciais que (em total) formam a categoria que aumenta fortemente (de 4,4%).

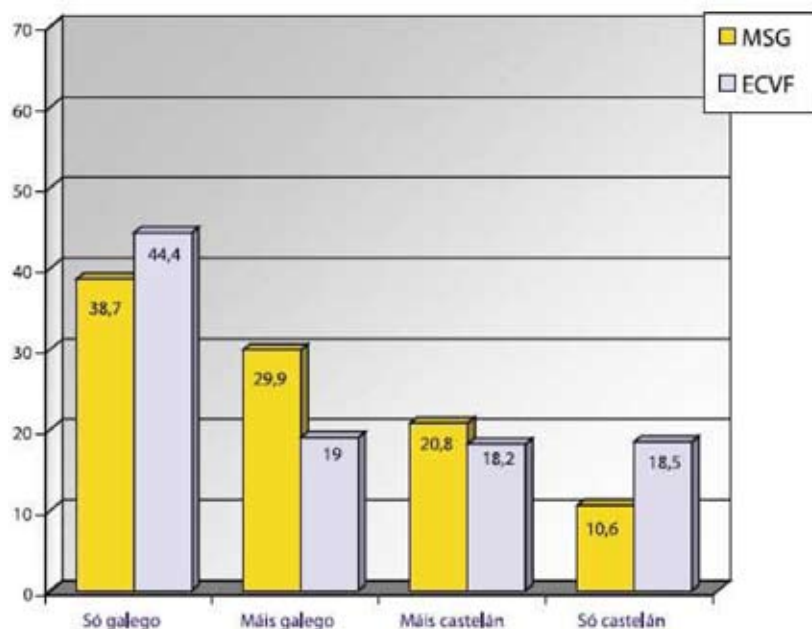
21 Estes dados estão também disponíveis no site do Conselho da Cultura Galega: <http://www.consellodacultura.org/media-teca/publicacions/linguasociedade.htm>

22 Os dados do Mapa socio-linguístico de Galicia (MSG) de 1992 estão sobre-linearizados em azul claro no entanto que os dados mais recentes (2003) procedentes do inquérito do Instituto Galego de Estatística estão sobre-linearizados em amarelo.

23 Instituto Galego de Estatística

24 Mapa socio-linguístico de Galicia

Gráfico 2 – Língua usual²⁵



No que atinge as usos linguísticos usuais, observa-se, no gráfico precedente (gráfico 2), a forte diminuição (de 29,9% em 1992 a 19% em 2003) dos locutores bilingues com predomínio do galego, o que explica a diminuição global do número de locutores do galego. Além disso, constata-se, em contraste com os dados que concernem a primeira língua, o aumento significativo dos usos monolíngues tanto em galego (de 38,7% em 1992 a 44,4% em 2003) como em castelhano (de 10,6% em 1992 a 18,5% em 2003), mais acusado entre os monolíngues em castelhano.

Aliás, constata-se que o galego continua a ser a língua mais utilizada (a língua usual predominante) em Galiza. Contudo, resulta necessário, em nossa opinião, completar esta constatação com investigações que nos permitem contextualizar estes dados (em função, da idade, do sexo e do lugar de residência), para obtermos umha visom mais complexa da situação.

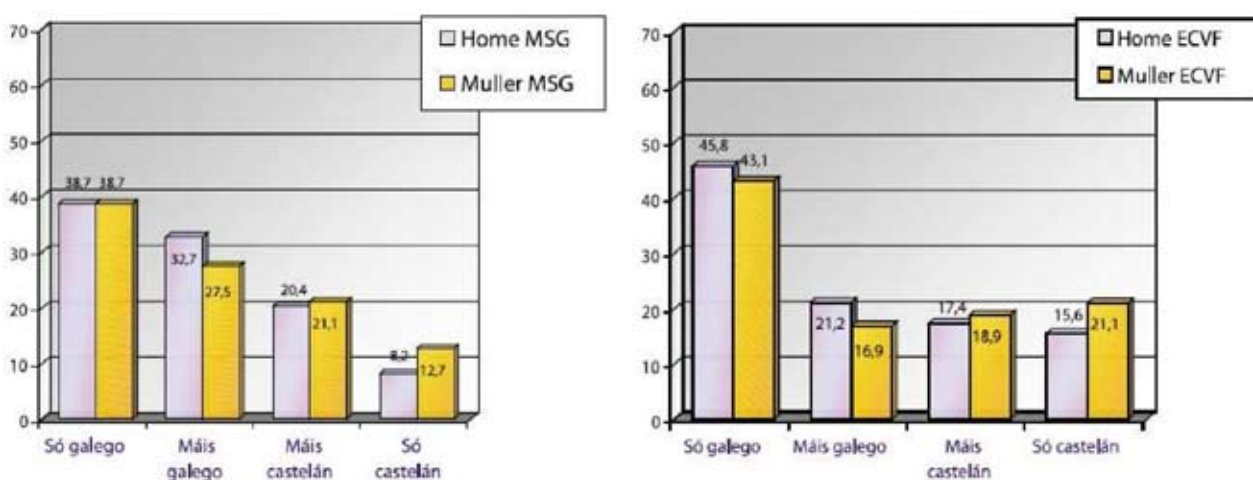
3.1 O uso da língua em função do sexo e da idade

Se compararmos os dados de 1992 e de 2003 (gráfico 3), podemos observar, por regra geral, usos linguísticos parecidos entre as mulheres e os homens. Porém, a diferença acentua-se consideravelmente entre os homens e as mulheres monolíngues em castelhano: em quanto número de homens que se declaram monolíngues em castelhano diminui, o número de mulheres monolíngues em castelhano aumenta de forma significativa de 12,7% em 1992 a 21,1% em 2003). Assim, o número de mulheres que se declara bilingue com uso predominante do galego diminui.

25 Os dados do Mapa socio-linguístico de Galicia (MSG) de 1992 estão sobre-linearizados em amarelo no entanto que os dados mais recentes (2003) procedentes do inquérito do Instituto Galego de Estatística A Enquisa de Condicións de Vida das Familias (ECVF) estão sobre-linearizados em azul claro. Note-se que as cores estão invertidas a respeito do gráfico 1.

Comparando as estatísticas relativas ao uso da língua em função da idade durante o mesmo período, observamos uma tendência à diminuição do uso do galego pelos jovens. Mais exactamente, os dados indicam que o uso do galego diminui paralelamente à diminuição de idade dos inquiridos. É mais, em 2003 podemos por primeira vez falar de uma geração de galegos para a qual o castelhano é a língua maioritariamente utilizada. Por contra, a perda de locutores de galego parece estabilizada em relação aos últimos decénios.

Gráfico 3 – O uso da língua em função do sexo²⁶



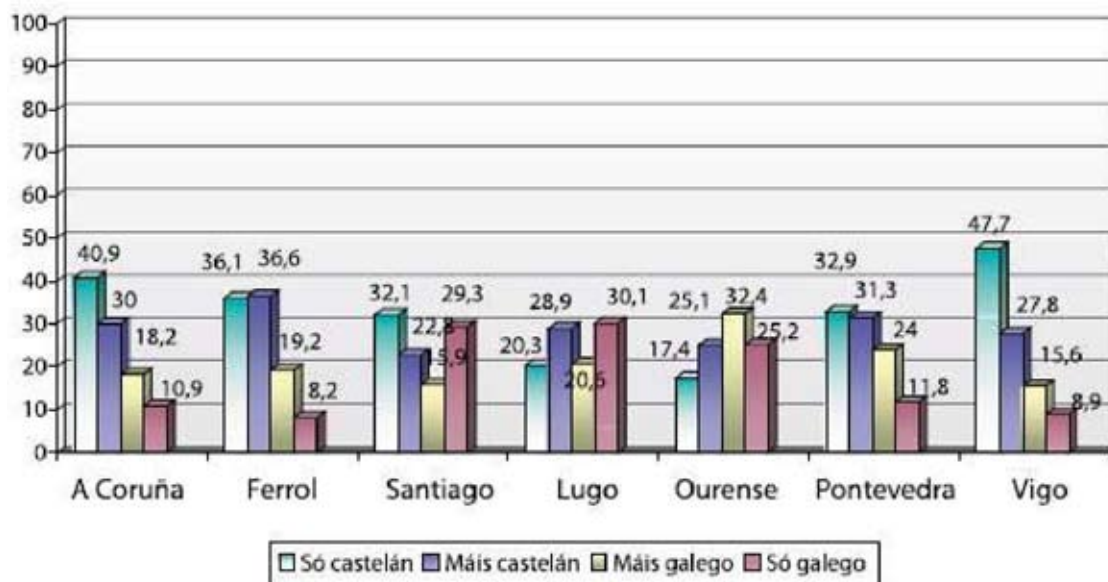
3.2 O uso da língua em função do lugar de residência

No que concerne o uso da língua em função do lugar de residência, é evidente, (como provam vários estudos) que o galego está mais presente nos meios rurais que nas grandes cidades. Observa-se, por um lado, um ligeiro aumento do uso do galego nos meios rurais e nas vilas pequenas e grandes, e pelo outro, uma diminuição ligeira do seu uso nas cidades. A *castelhanização* dos meios urbanos acrescenta-se.

Pode-se observar, partindo do gráfico 4, que o reparto linguístico apresenta importantes diferenças no meio urbano galego. Como exemplo, note-se que o número de monolíngues em castelhano chega a perto do 50% da população de Vigo onde o número de monolíngues em galego não chega ao 9%, em quanto o número de pessoas que se declaram monolíngues em castelhano representa ao redor de 20% e o número de monolíngues em galego vem a ser um 30% em Lugo.

²⁶ O gráfico da esquerda representa os dados recolhidos em 1992, segundo o *Mapa socio-linguístico de Galicia* (MSG) Os dados do gráfico da direita baseiam-se no inquérito do Instituto Galego de Estatística intitulado *A Enquisa de Condicións de Vida das Familias* (ECVF) de 2003. Os dados concernentes às mulheres estão sobre-linearizados em amarelo, os que se reportam aos homens em azul.

Gráfico 4 - Língua usual em função do lugar de residência (sete cidades galegas)



3.3 A mudança da língua usual

Um dos fenómenos mais interessantes para o nosso trabalho de investigação, observado no estudo do Consello da Cultura Galega, é, sem dúvida, o da mudança de língua usual. Segundo as estatísticas disponíveis, 5,47% da população declara ter mudado de língua usual. Este câmbio, que, em geral, favorece ligeiramente o galego (56,6%), está, segundo as declarações dos informadores do estudo, motivado em grande parte por umha decisão pessoal. Outro factor decisivo é o trabalho, seguido do ensino e da influencia dos amigos. Em tanto que a mudança a favor do uso do galego é sobretudo alentada pola motivação e as razões pessoais, no caso do câmbio em favor do uso do castelhano (espanhol), as pessoas interrogadas citam mais bem razões ligadas ao seu trabalho ou referidas ao ensino.

O perfil sócio-linguístico dos inquiridos que mudaram de língua a favor do castelhano apresenta as características seguintes: trata-se, a maioria, de mulheres. Estas pessoas, cuja idade média é de 46 anos, nasceram na Galiza e som, em grande parte, bilingues que têm o castelhano como língua predominante. Frequentemente não acabaram os estudos primários e trabalham sobretudo no sector industrial e no domínio do artesanato.

Pode-se resumir o perfil sócio-linguístico das pessoas que mudaram de língua a favor do galego (o que constitui o objecto principal do nosso trabalho) da seguinte maneira: trata-se, em geral, de pessoas, nascidas em Galiza, cuja primeira língua era o castelhano e que falam de preferência (ou, mas de maneira mais rara, exclusivamente) em galego. Têm ao redor de 40 anos e frequentemente

nom acabaram os seus estudos primários. Contudo, é salientável que perto da metade deste grupo compom-se de pessoas que acabaram, ao menos, os estudos secundários e que ocupam postos que exigem o nível de estudos universitários. Os artesãos e os trabalhadores qualificados da indústria som também abundantes neste grupo.

O interessante fenómeno que é, sem dúvida, a mudança da língua usual (no nosso caso do castelhano para o galego) pode, em nossa opinião, ser potencialmente de umha grande importância para a conservação da língua, e exigiria, em consequência, um estudo mais fundo em razão do rol que pode jogar no processo de conservação da língua. Procederemos agora à definição do *neofalante* (quer dizer a pessoa que os autores do estudo (Monteagudo H. et Lorenzo A. (dirs.), 2005, *A sociedade galega e o idioma: A evolución sociolingüística de Galicia (1992-2003)*, Santiago de Compostela : Consello da Cultura) caracterizam como « *pessoa que mudou de língua usual para o galego* ».

4. Novos locutores ou neofalantes

4.1 Para umha definição do neofalante²⁷

Um dos principais desafios do nosso trabalho concernia, desde o começo, por falta de literatura sobre o tema, nomeadamente para a Galiza, a procura do que recobre o apelativo *neofalante* ou o de *novo locutor*. Bem que vários sócio-linguistas, (ver por exemplo, as publicações de Alvarez Caccamo, Herrero Valeiro, 1993 e 2000, respectivamente), fagam umha alusom à este conceito, ou melhor a este fenómeno, o sujeito ocupa mais bem um interesse periférico nos seus trabalhos. Num artigo publicado recentemente (2006), Xavier Trías Conde propom umha definição do *novo locutor*, (aplicável às línguas regionais), que analisaremos mais tarde. Acrescentemos que os autores do estudo *A sociedade galega e o idioma: A evolución sociolingüística de Galicia*, mencionado várias vezes precedentemente, fam referênciam aos *novos locutores* como « *peessoas que cambiarom de língua usual* ». Antes de tratar de definir o novo locutor ou *neofalante* neste trabalho, consideramos que é importante considerar vários termos mais ou menos equivalentes que existem para esta noçom e comparar (de jeito muito geral) esta noçom com as utilizadas em Catalunha e no País Vasco, as outras duas *naçons periféricas*²⁸ do Estado Espanhol.

A forma de designar o novo locutor em Galiza nos trabalhos de (sócio)linguistas pode variar segundo o autor. Como exemplo: Maurício Castro fala de adultos nativizados, em quanto Mário Herrero Valeiro e Celso Alvarez Caccamo utilizam o neologismo neofalantes. No nosso trabalho optamos polo termo neofalante que consideramos um termo que se estende a cada mais no discurso popular; também é o empregado pola maioria dos sócio-linguistas que falam deste grupo de locutores nos seus trabalhos.

No País Vasco, o termo utilizado para designar o equivalente do *neofalante* galego é *euskaldun berri* (*novo falante de vasco*). Veja-se por exemplo termo *euskaldun berriak* (os *novos falantes de vasco*), empregado por Jacqueline Urla (1993). Porém, neste ultimo caso, cumpre precisar que utilizando esta expressom a autora fai referênciam a um grupo mais restrito, um «emerging corpus of urban professionals, civil servants and teachers who have mastered standardized Basque, *Batua* »²⁹ formando um sub-grupo dos locutores do vasco: os *euskaldunak* ; o outro sub-grupo está representado polos *euskaldun zaharrak*, quer dizer os *velhos falantes de vasco* ou locutores nativos do vasco. Esta catégoriam de locutores (compreendendo os dous sub-grupos mencionados précédentemente) opom-se ao de *erdaldunak* que designa os que falam estrangeiro. Cumpre também sinalar que esta categorizaçom saiu, como indica a propria autora, do discurso popular no seio da comunidade linguistica vasca.

Em comparaçom, segundo a nossa investigaçom bibliográfica, o termo *nou parlant*, correspondentem

27 Quero agradecer a D. Celso Alvarez Caccamo assim como a D. Manuel Fernández Ferreiro da Universidade da Corunha por me terem orientado e por terem a paciência de responderem a todas as minhas múltiplas questons atinentes a este sujeito.

28 Conceito utilizado, por exemplo, por Mário Herrero Valeiro (2002) que se refere assim a Galiza, Catalunha e o País Basco, todas estas regions tenhem estatuto de nacionalidades históricas no interior do Estado Espanhol.

29 *Um corpo imergente de profissionais urbanos, funcionários e ensinantes que aprenderam o basco standard, Batua.*

à noção de *novo locutor* em Catalunha, nom parece ser utilizado, ou muito raramente, na literatura científica, ainda que está presente no discurso popular. Em revanche, as alusões (implícitas ou explícitas) a este grupo de locutores acham-se nos trabalhos dos (sócio)linguistas catalães (ver por exemplo, Miquel Strubell)³⁰. Também se pode mencionar a associação *Veü pròpia* (« Voz própria »), que, fazendo parte da *Casa de les llengües* (*Casa das línguas*) organismo criado pola *Generalitat de Catalunya*, reagrupa os *novos locutores* de catalám (tanto para Catalunha como para a comunidade vizinha de Valência, e as Ilhas Baleares).

Tem o seu interesse salientar que o termo *neohablante* ou *nuevo hablante*, que seria o equivalente do *neofalante* castelhano para designar (em um primeiro lugar) umha pessoa que utilizou maioritariamente o galego na sua vida quotidiana até um certo estágio da sua vida (frequentemente até o momento de ser escolarizada em castelhano, por exemplo) nom existe praticamente. Podemos emitir a hipótese baseando-nos nas afirmações dos informantes do nosso trabalho mas também nas numerosas declarações das pessoas interrogadas no documentário *Línguas cruzadas*,³¹ recentemente aparecido e difundido pola televisom galega, de que a ausência desta noção pode relacionar-se com o facto de que esta mudança nom é geralmente percebido pola sociedade mas que como um câmbio de código linguístico. Porém a realidade à qual poderia associar-se tal noção existe, como provam, por exemplo, os dados do estudo macro-sócio-linguístico do Conselho da Cultura citado várias vezes mais acima. Em outros termos, o câmbio do galego (em tanto que língua usual) para o castelhano é, em geral, considerado pola sociedade como «natural» ou «normal». Em revanche, a mudança inversa, quer dizer do castelhano para o galego em tanto que língua usual é percebido muito frequentemente como o sintoma de umha mudança ideológica; ou, em todo caso, nom é percebido como *neutro*.

Seguindo a Alvarez Cáccamo³², pode-se caracterizar aos *neofalantes* como um grupo social. Podem-se opor aos *falantes habituais*, se se emprega a expressom utilizada, por exemplo, por M. Herrero Valeiro e polos autores do estudo sobre a evoluçom sócio-linguística em Galiza ou bem aos *paleofalantes*, o termo que se pode achar em Frías-Conde mas que nom parece ser utilizado fora dos seus trabalhos. As duas expressons mencionadas acima designam as pessoas que falando galego em tanto que primeira língua (língua « materna »), nom mudárom mais tarde a sua língua usual. Também há que precisar que os *novos locutores* constituem um grupo diferente, por umha parte, do das pessoas monolingues em castelhano ou das pessoas bilingues (castelhano, galego) cuja língua usual é o espanhol/castelhano, por outra parte, do dos locutores que mudaram a sua língua usual de forma inversa (do galego para o castelhano). De forma similar, parece- nos importante fazer umha distinçom entre os neofalantes e as pessoas para quem o galego (no nosso caso) é a segunda língua e que aprendem umha nova língua por diferentes razons (por exemplo, a utilidade, o prazer, as exigências profissionais) nom identitárias, quer dizer para as quais esta língua nom apresenta laços com (o que elas consideram como) a sua identidade, com as suas tradiçons ou práticas familiares, o

30 Strubell M., 1987, "L'ensenyament bilingüe i els mètodes d'immersió", *Caplletra Revista de Filologia*, 2, pp 115-132.

31 Difundido na televisom galega o 16 Maio 2007 e disponível em : http://www.vieiros.com/nova/5_8252/linguas-cruzadas-documental-sobre-a-mocidade-e-o-idioma

32 Comunicaçom pessoal

seu passado (no sentido do entorno linguístico e social no que crescerom).

Como poderíamos, em consequência, definir o sujeito principal do nosso trabalho, o *novo locutor* ou *neofalante*? Triás Conde (2006) propom definir um *novo locutor* como :

« *persoa cunha lingua X que durante un momento na súa vida adquire unha lingua Y, de carácter rexional, como lingua vehicular principal, sendo a lingua Y o idioma tradicional do teritorio onde mora dito individuo. En xeral, os neofalantes xorden como resultado do nacemento de procesos de planificación lingüística nos teritorios onde se fala unha lingua rexional minoritaria que se pretende normalizar, normativizar e promover.* » (Triás Conde, 2006 : 60)

A definição citada acima parece-nos mais pertinente para outros contextos sócio-linguísticos nos quais umha política de imersom linguística foi posta em práctica, como, por exemplo, em Catalunha. Porém, segundo se constata em vários estudos³³ assim como segundo a recente declaração³⁴ do presidente da Comunidade autónoma de Galiza, citadas acima, a política linguística galega foi, quiçá, tãpeda de mais para ser considerada como o factor mais importante para explicar o fenómeno dos novos locutores do galego em Galiza.

Tratando de precisar a categoria *novo locutor* de galego, Manuel Fernández Ferreiro³⁵ propom defini-lo, negativamente, em tanto que « *persoa para a qual o galego nom é nem a sua segunda língua nem a sua língua materna* ». Esta definição parece-nos muito pertinente se se tomar a expressom « língua materna » no sentido de primeira língua falada por esta pessoa. Convém também acrescentar que existem vários tipos de *novos locutores*, como, por exemplo, os descendentes de emigrados cuja « língua materna » era diferente do espanhol. Porém, neste projecto focalizaremos exclusivamente os *neofalantes* que foram educados (e mais tarde escolarizados) maioritariamente em castelhano.

No nosso trabalho consideramos o *neofalante* (o *novo locutor* de galego) como umha pessoa que num momento dado da sua vida (frequentemente na idade adulta), passou do castelhano como língua usual ao galego, que nom era, porém, a sua segunda língua. Acrescentemos que se trata de um câmbio voluntário, ligado, por regra geral, a umha questom de identidade ou de procura de umha identidade.

33 Veja-se nota 18.

34 Veja-se nota 20.

35 Comunicaçom pessoal.

5. Perspectivas de investigação doutoral

5.1 Terreno de inquérito

O nosso corpus está constituído por vinte entrevistas (das que abordaremos quinze aqui³⁶) com os *novos locutores* do galego. Realizadas em Março e Abril de 2007 na comunidade autónoma de Galiza, estas interviews³⁷ representam, em total, mais de dezasseis horas de gravação. Em razom desta importante recolhida de dados mas também, e sobretudo, em razom da complexidade do sujeito escolhido (aliás, muito pouco tratado até hoje), nom analisaremos mais que umha das interviews mais pormenorizadamente (ver a transcriçom no Anexo). Esta análise será seguida pola síntese geral de vários aspectos convergentes destas entrevistas. Temos a intençom de fazermos um exame mais profundo e mais fino destes dados (de umha enorme riqueza potencial para a análise, numha fase ulterior da nossa investigação).

5.2 Apresentação dos informantes

Os nossos informadores, com idades de 22 a 40 anos, apresentam características geográficas e sócio-linguísticas muito diferenciadas. Focalizando a nossa atençom sobre este grupo etário de neofalantes, procuramos reter sujeitos tanto femininos como masculinos, entre os quais, verosimilhantermente, o facto de mudar de língua usual nom é, ou já nom é, umha (possível) manifestaçom temporal do desejo de se diferenciarem dos outros, como pode ocorrer entre os adolescentes, por exemplo. Mais umha razom desta escolha estava ligada à nossa intençom de verificar se os *neofalantes*, aos quais os pais nom lhes transmitiram o galego, pensavam eles-mesmos em transmiti-lo a seus filhos. Na medida em que isto era possível, entrevistamos pois pessoas vivendo em parelha (sem que o companheiro da pessoa entrevistada fosse necessariamente um novo locutor) e tendo, preferentemente, filhos ou a intençom de tê-los um dia.

5.3 Concepçom e metodologia

Na situaçom em que o galego continua a perder relativamente rapidamente locutores, é sem dúvida, de grande interesse observar o rol dos *novos locutores* no processo da conservaçom desta língua assim como estudar as razons polas quais escolhem mudar a sua língua usual (o espanhol) em beneficio do galego, o mais frequentemente na idade adulta. Num primeiro tempo, focalizaremos pois a nossa procura nas explicaçoms e os argumentos que dam eles mesmos, os *neofalantes*. Em segundo lugar, o objecto do nosso estudo trata sobre as representaçoms³⁸ ligadas à transmissom / nom transmissom linguística entre os neofalantes. Para nom reduzir a complexidade da questom da transmissom da língua (mesmo se esta é tratada de umha maneira muito geral), abordaremos também as razons que conduzirom (ou poderiam ter conduzido) os pais dos *neofalantes* a tomarem a decisom de nom

36 Explicaremos as razons que nos levárom a esta decisom na parte 5.3 (Concepçom e metodologia)

37 Nom faremos distinçom entre os termos interview e entrevista, utilizaremos-los indistintamente.

38 Tomamos o termo e o conceito da psicologia social.

transmitirem o galego a seus filhos, baseando-nos nas declarações dos *novos locutores* do galego.

Depois um período de reflexões, durante o qual examinamos várias formas possíveis de recolha de dados, optamos finalmente pela *interview*. Dada a complexidade da situação sócio-linguística em Galiza e as especificidades do seu contexto cultural (assim como a falta de literatura suficiente relativa ao sujeito do nosso estudo), consideramos este método de recolha de dados como um dos mais apropriados ao terreno da procura e a este tipo de investigações. Precisemos que se trata, no nosso caso, da *interview* interactiva, também chamada *semidirectiva*. Trata-se efectivamente de umha entrevista (o entrevistador pergunta, o entrevistado responde). Porém, como precisa Jacques Bras (in : Calvet J.-L., Dumont P. (dir.). 2000. *L'enquête socio-linguistique*) muitos elementos, dos que nom citaremos aqui mais que alguns exemplos, tomam-se emprestados da conversa :

a) em lugar de termos umha alternância (típica do questionário) : *questom*, resposta, nova *questom*; umha mesma *questom* é frequentemente reformulada e/ou especificada;

b) todas as *questons* (com excepção da primeira que abre cada série temática) som enunciadas a partir da recepção que o inquiridor fai das respostas do inquirido(a).

Além disso, a entrevista interactiva, que toma um apoio teórico sobre o interaccionismo, caracteriza-se polo rejeitar da posição, comum às *interviews* *directiva* et *non-directiva*, de « *(crer) neutralizar a interacção para obter a fala autêntica*³⁹ ». Na entrevista interactiva, trata-se pois, como acrescenta J. Bres, de « *escolher a interacção verbal em lugar de intentar – em vao – de circunda-la* ». Precisemos que, seguindo a Bres, inclusive se é o entrevistador o que levanta as *questons*, « *participa activamente na produção da palavra: reage aos assuntos do locutor, constrói a forma das perguntas assim como à sua ordem na interacção com eles como em toda conversa* ».

Pese às numerosas vantagens oferecidas por este tipo de entrevista, há também que ter em conta os seus limites. Num primeiro tempo, seria desejável completar as declarações das pessoas interrogadas com a observação das práticas reais. Porém, segundo Jacques Bres, a entrevista interactiva « *tem [os seus limites] menos em ela-mesma que no que ela requer do entrevistador* »⁴⁰. O autor precisa aliás que:

«A posição **exterior** que permite a entrevista tanto *directiva* como *non-directiva* pode aparecer como menos arriscada ou como mais confortável que a posição **interna** que implica a entrevista interactiva : (...) o êxito da entrevista depende dos passos verbais que [o entrevistador] saiba realizar com o entrevistado». (Bres, 2000:68)

Para explorar o terreno do inquirido e, sobretudo, verificar a « factibilidade » das entrevistas, começamos o nosso trabalho de campo, para além de numerosas conversas informais com autóctones

39 Bres J., 2000, « L'entretien et ses techniques ». In : Calvet L.-J. et Dumont P. (dir.), *L'enquête sociolinguistique*, Paris : L'Harmattan.

40 Ibid

sobre as suas atitudes para com as línguas presentes no território galego, por meio de alguns inquéritos pilotos. Estes últimos, tematicamente baseados num questionário-guia pré-estabelecido, atingiam a sujeitos chaves do nosso interesse: o câmbio de língua usual e a transmissom da língua. O tal *questionário* fora tematicamente dividido em cinco partes:

- o primeiro servia para recolher os dados de ordem pessoal (a situação familiar da pessoa entrevistada, a sua idade, os seus lazeres, etc.);
- o seguinte concerne a biografia escolar e profissional;
- o terceiro trataria da biografia sócio-linguística;
- o ante-penúltimo (que – mesmo fazendo parte tematicamente parte do precedente - decidimos tratá-lo separadamente em razom do seu rol essencial no nosso trabalho) trata das razons e das motivaçons que conduzem a mudar de língua usual (assim como das eventuais reacçons do entorno perante este câmbio)
- e, finalmente, a última parte concerne transmissom da língua.

Precisemos que, por haver optado pola interview interactiva em tanto que meio de recolhida de dados, percebemos o questionário no nosso trabalho mais bem como um guia que nos facilitará mais tarde a comparaçom dos dados ao os analisar; à diferença do tipo de questionário utilizado nas entrevistas directivas onde se levantam aos entrevistados exactamente as mesmas questons e som preestabelecidas a sua forma linguística e a sua ordem.

A análise dos resultados obtidos ao final do pré-teste permitiu-nos verificar (de maneira geral) a factibilidade da procura e sobretudo a pertinência das questons. Depois desta análise completamos o questionário original e reformulamos algumas questons. Há que salientar que se tratava de um processo de varias repetiçons. Aliás, devemos precisar aqui que decidimos nom incluir a primeira das nossas vinte entrevistas⁴¹ na análise apresentada neste trabalho, porque depois dessa entrevista modificamos consideravelmente a forma de fazer as questons e aumentamos o seu número. Consideramos, pois, que já nom se correspondia totalmente com os objectivos fixados para este trabalho.

Conscientes de que um dos traços principais que caracterizam a entrevista com respeito à conversa, a sua *formalidade* (mesmo se ao optarmos pola entrevista interactiva procuramos diminuir o seu caracter formal), assim como a *assimetria de roles*⁴² de entrevistador / entrevistado(s), intentamos sempre (na medida do possível em entre outros factores, em funçom da disponibilidade dos nossos informantes) estabelecer um clima de confiança por meio de umha conversa muito informal prévia

41 Porém, pareceu-nos importante conservá-la no nosso corpus para um (eventual) outro tipo de trabalho sobre os neofalantes.

42 Ver, por exemplo, Bres (2000)

à entrevista. Além disso, em dous dos casos decidimos interrogar duas pessoas ao mesmo tempo, quer dizer no curso de umha só entrevista, respeitando assim a sua preferência por esta forma de entrevista indicada por eles mesmos. Tratava-se no primeiro caso de umha jovem parelha, no segundo de dous amigos.

As entrevistas levaram-se a cabo em diferentes lugares (segundo as disponibilidades e as preferências dos entrevistados). Este facto levantou-nos mais tarde (em quatro casos⁴³) problemas para a análise, em razom dos barulhos parasites que dificultavam a transcriçom. Por causa das dificuldades levantadas pola escuta (e a ré-escuta) de estas gravaçons, nom as analisaremos neste trabalho, mesmo se som merecedoras, sem dúvida, de serem o objecto de um estudo profundo numha etapa ulterior da nossa investigaçom.

No que atinge à língua das entrevistas, respeitamos sempre a escolha da pessoa entrevistada, depois de lhe perguntar anteriormente a sua preferência. Devemos salientar que umha esmagadora maioria dos entrevistados escolheu o galego, salvo em dous casos em que as entrevistas se desenvolverom em castelhano. Porém, podemos supor que a escolha do castelhano era a manifestaçom de um costume, típico para umha parte dos galegos, de se dirigirem a umha pessoa estrangeira (neste caso a investigadora) – mesmo se esta última está relativamente bem integrada na sociedade galega – mais bem em espanhol.

Procederemos agora à análise dos dados recolhidos. Num primeiro tempo, examinaremos as informaçons de ordem pessoal. A seguir abordaremos as biografias escolar e profissional da pessoa entrevistada. Logo, consideraremos os dados relativos à biografia sócio-linguística. Mesmo se fai parte desta última, analisaremos depois, aparte, as razons que levarom ao câmbio de língua usual, por causa da sua particular importância para a nossa procura. Trataremos também a transmissom da língua. Finalmente, intentaremos de reagrupar alguns dos principais elementos convergentes de todas as entrevistas.

5.4 Estudo de caso: Ernesto⁴⁴

A entrevista com Ernesto realizou-se em Março 2007 na sua vivenda em Santiago de Compostela. Esta entrevista, cuja transcriçom está disponível no anexo deste trabalho, dura aproximadamente umha hora.

5.4.1 Biografia pessoal

O informante tem 31 anos no momento da entrevista. Benjamim da sua família, nasceu em Ferrol

⁴³ Trata-se de quatro entrevistas, efectuadas na cidade de Ourense a quatro mulheres, que se realizaram no exterior e que fôrom perturbadas pola conversa de outras três mulheres, que aguardavam ao lado (enquanto nós entrevistávamos a umha delas), assim como polas intervençons ocasionais dos seus filhos. Esta experiência, para além do contido de grande interesse das interviews e o facto de que nos permitiu observar umha parte das práticas reais das pessoas entrevistadas, resultou muito formativa no plano da organizaçom das seguintes entrevistas.

⁴⁴ Mudamos os nomes reais de nossos informantes para guardar o seu anonimato.

onde viveu até os vinte anos. O informante precisa que nasceu nos arrabaldes de Ferrol. Caracteriza esta zona da forma seguinte: « *quando nascim, era umha zona rural, depois a cidade foi-se extendendo e já se converteu... hmm... bueno, cambiou o uso do cham de rural a urbanizável, ainda nom é cidade pero case (risos)* ».

Em quanto ao seu lugar de residência actual, vive em Santiago de Compostela com Amélia⁴⁵, a sua companheira: « *hoje estou instalado aqui em Santiago de Compostela desde já há quase dous anos, fará dous anos em Maio, creio. E..., velaí, habito aqui com a minha companheira... desde há... mais de um ano, ou quase* ». Nom tenhem filhos mas pensam tê-los algum dia.

Entre os seus lazeres figura a leitura. À pergunta de se opta preferentemente por livros em galego ou em castelhano, o informante responde que esse nom é um critério decisivo para a sua escolha: « *mais que escolher um livro numha língua em concreto, escolho um livro que me interesse. Si..., evidentemente, se o livro que me interessa está em galego, adquiero-o em galego. Pero se o livro que me interessa está em espanhol, adquiero-o em espanhol.* ».

Quando o nosso sujeito é levado a precisar a sua preferência pola língua se pode achar um livro nas duas línguas (castelhano e galego), responde rindo: « *Se esta nos dous, o galego sempre (risos)* ». Asinha, acrescenta, em tono algo mais sério: « *o que passa é que, claro, o galego... o sistema editorial galego... quero dizer, como... tem um comercio moi limitado nom abrange ainda moitas... e dizer, moito do grande sistema mundial, literário, nom... o abrange. É dizer, queda-se em pouca cousa. Entom às vezes é complexo, um livro que pode ser interessante para mim, atopa-lo em galego. É complexo.* »

Além disso, o informante explica que prefere os livros aos jornais, que lê unicamente para estar informado. Habitualmente, lê jornais em Internet: « *(...) Normalmente por internet, porque nom me vou a parar a comprar nenhum jornal, que nom dizem mais que tonterias.* ».

No que atinge os outros tipos de média, o informante olha frequentemente a televisom. Quando se lhe pede precisar que cadeias, constata primeiro que nom há muito onde escolher. A seguir acrescenta que se trata o mais a miúdo de: « *Tele5 e Cuatro* ». As duas cadeias difundem os seus programas em espanhol.

5.4.2 Biografias escolar e profissional

O informante fijo os seus estudos primários e secundários na mesma cidade onde nascera, em Ferrol. Depois dos seus estudos no liceu, foi à universidade. Porém, explica que a ideia de ir à universidade nom o atraia demasiado e que reflectir a muito sobre a questom de continuar os seus estudos. Deunos a seguinte explicação: « *Estávamos vivendo umha situaçom naquele momento de... de recessom económica na cidade e... existia um mal ambiente generalizado, nas pessoas incluso se notava, nom?, e no instituto nom era menos, quero dizer o instituto era ... um centro onde se focalizavam os malhumores de todo o mundo (risos) e donde, os professores, vias que eram pessoas sem nemhum interesse ou, nom*

45 Veja-se nota 44

todos, pero sim umha grande parte, sem nemhum interesse por... pola docência”.

Aos 20 anos, prosseguiu finalmente os estudos e trasladou-se a Lugo para ir à Universidade. Mesmo se o seu passo pola universidade nom mudou fundamentalmente a sua opiniom sobre os professores, considera este período da sua vida como importante: « *à margem de... do que era a universidade, eh... ainda descobrim... bastantes outras cousas* ». Quando levamos o nosso sujeito a precisar a que se référia ao evocar « *outras cousas* », aprofunda nas suas explicaçoms: « *Pois descobrim que... um mundo cultural aberto e mentalidades abertas, nom todas pero sim... sim que che permitia medrar, nom?, interiormente e depois também o que ... o que estava ao redor da universidade... pois, que era... trabalhos academicamente dirigidos, o próprio Erasmus, que fixem um Erasmus, todas essas actividades alternativas que nom... que nom era só o ir a classe e volver de classe”* .

Alguns anos mais tarde, estando a procurar um trabalho no domínio da sua especialidade - Engenharia - o informante permanece primeiro em Lugo, para guardar os seus contactos da universidade. Mais tarde começa a trabalhar como trabalhador independente numha granja, indo ao mesmo tempo a um curso de formaçom, em Ourense. Depois de alguns meses deixou este trabalho. O que explica da maneira seguinte : « *marchei porque nom me podiam garantir um salário*». Passou o ano seguinte no paro, em Vigo.

O período de paro foi seguido por algunhas viagens. O informante estivo primeiro em Inglaterra, mais tarde em Irlanda. Nom precisa porque razoms partiu ao estrangeiro. De volta em Galiza, estivo de novo no paro durante algum tempo. Finalmente, conseguiu trabalho em Santiago de Compostela onde trabalha até agora.

5.4.3 Biografia sócio-linguística

À pergunta de qual fora a primeira língua em apreendera a se exprimir, o informante responde que fora o espanhol. Podemos salientar que, mais tarde na entrevista, acrescentou espontaneamente que: « *finalmente estivem alimentado nisso [o galego] desde bem pequeno*»⁴⁶ evocando assim o facto de que o galego estava também, de certa maneira, presente na sua vida desde sempre.

Quando o nosso sujeito foi levado a precisar quem lhe falava em espanhol, descreveu a situaçom da maneira seguinte: « *Pois na minha casa atopaba-se umha, assim..., umha..., situaçom que..., bueno, nom é tam estranha. Eh... o meu pai falava em galego e a minha nai falava em espanhol*». Ernesto precisa a seguir qual era, segundo el, a razom desta situaçom: « *principalmente, por... por medo* ». Tratando de explicar de onde vinha este medo, assinala o período do franquismo: « *principalmente a causa da repressom franquista. (...) houvo muitos anos de repressom (...) falar em galego nom tinha nengum valor* ». Há que lembrar que Ernesto nasceu um ano depois do fim da ditadura do general

⁴⁶ Parece-nos muito interessante evocar aqui um comentário feito pola sua irmã, a quem tivemos a ocasiom de entrevistar alguns dias mais tarde (embora nom analisemos a interview com ela neste trabalho). Descrevendo a mesma situaçom desde o seu ponto de vista, designou o galego como a sua « língua materna », mesmo se ela nom começou a falá-lo até a idade adulta. O que ainda é mais significativo, quando foi requerida para aprofundar na sua explicaçom, justificou esta designaçom (« língua materna ») utilizando a mesma metáfora (citada acima) que seu irmao.

Franco (1975). É salientável que o informante evoque a presença deste medo na memória colectiva ainda nestes dias: « *aqui em Galiza hai umha..., na gente..., já nom tanto do rural, pero sim que..., sim que veu do rural e agora vive numha cidade, hai esse medo a... a falar em galego, polo menos com estranhos... ».*

É interessante salientar aqui que a totalidade dos nossos informantes associa a nom transmissão intergeracional do galego entre a geração dos seus pais ao passado e ao período do franquismo; período durante o qual o uso do galego estava proibido na esfera pública. Podemos pois constatar umha defasagem considerável entre os câmbios históricos e a sua percepção na memória colectiva.

O informante assinala que os seus pais falavam sempre em galego entre eles : « *Entre eles sim, falavam em galego »* embora a sua mãe falava espanhol aos seus filhos : « *Minha mãe falava em espanhol conosco, mas falava em galego com meu pai, si »*. Salienta aqui que seu pai falava sempre galego porque era a única língua que dominava : « *[o galego] era a única língua que sabia falar e a única que falou sempre »*.

Em quanto aos seus avós, Ernesto nom conheceu mais que os seus avós paternos que viviam muito perto da sua família, e que: « *Falavam em galego com todo o mundo porque era... passava-lhes um pouco o mesmo que ao meu pai, que era a língua que falaram sempre e... nom sabiam falar outra cousa (risos)* ». De rapazinho, ia vê-los com bastante regularidade, com maior motivo porque eram também os seus padrinhos. Há que salientar que, pese a umha relação bastante próxima com os seus avós e a que ambos utilizavam o galego na sua comunicação com el, Ernesto falava-lhes exclusivamente em espanhol: « *eles falavam-me em galego ainda que eu falasse em espanhol.*».

Reproduzindo a conduta da sua mãe, os dois irmãos assim como a sua irmã falavam espanhol entre eles e também com seus pais, mesmo se o pai lhes falava sempre em galego: « *falávamos em espanhol sempre, sim. Era umha cousa habitual »*. O informante evoca aliás a escola como um dos factores reforçadores deste « costume » : « *[o castelhano] era a língua que... também porque na escola era o único que escotávamos.*».

À questão de se existe um « galego correcto », o informante responde com a seguinte reflexão: « *O..., claro, o que existe é umha normativa oficial (...) [que]... na maior parte dos casos pouco tem que ver com o galego que se falou de sempre, pois, nalgumas zonas do rural e demais... Tem pouco que ver porque... nom é que seja um galego artificial, nom?, pero... nom sai... com naturalidade. É dizer, a um galego de qualquer parte do rural deste país, vas, falas com ele, tem as suas expressões próprias, já feitas, assim, herdadas e... as construções som também moi próprias... moi... moi galegas, e... o jeito de falar que tem, incluso a contaminação espanhola, em particular, é dizer, as palavras espanholas que introduz na linguagem saem-lhe dumha forma eh... completamente natural, mália que seja umha contaminação, pero saem-lhe dumha forma natural*». Podemos assinalar aqui que quase todos os informantes indicam o galego falado no rural em tanto que modelo de referência.

Aliás, Ernesto opom esta visom do galego « correcto » e « natural » a aquele falado polos novos locutores de galego que percebe como artificial : « *nos neofalantes, ou polo menos em mim, nom se... nom se nota essa naturalidade à hora de falar. (...) Sobre todo também porque hai moitos rasgos, eh..., moitos rasgos que, por exemplo, identificariam à minha zona: sesseio, a gheada e demais, que eu nom a tenho. Quando, polo meu nascimento, e se o galego estivesse normalizado de ali de onde ou venho, deveria... já por umha questom social, por umha questom de viver num entorno onde, eh... a gheada e sesseio existe, eu deveria ter essa gheada e esse sesseio. O que passa é que eu nom a tenho, por exemplo.* ». Sublinha pois as diferenças fonéticas entre os neofalantes e os locutores do galego do meio rural. Para ilustrar melhor o seu ponto de vista, conta a experiência de um colega de trabalho quem, nascido e crescido na Corunha, trabalha actualmente em Ourense : « *E todo o mundo o diz, é dizer, tu, vale moi bem, falas galego, vives em Ourense dende hai moitos anos, pero nota-se que nom és de Ourense (risos). E nota-se que nom é de Ourense, como fala, como se comporta e, nom... nom... Pode viver ali toda a vida pero nom vai ser ourensam nunca (risos).* ».

Podemos acrescentar que quase a totalidade dos informantes partilham a opiniom de Ernesto e percebem o galego que falam como – de certa maneira – artificial.

Abordaremos agora as razons que conduzirom o informante à cambiar de língua usual. Além disso, ocuparemos-nos das reacçons do seu entorno face à este cámbio.

5.4.4 Razons para mudar de língua usual

A língua que o informante declara⁴⁷ falar maioritariamente no presente é galego. Devido às suas actividades profissionais, pode ocasionalmente passar ao espanhol: « *se falo em espanhol em certas occasions é porque devo chamar alguém de fora de Galiza e entom..., em Espanha sobretudo* ». Assimesmo, acontece-lhe de tempo em tempo que se adapta à língua do seu interlocutor (nom-galego) fora do seu trabalho, para facilitar a comunicaçom: « *Por exemplo, si, tenho-me adaptado quando umha pessoa que nom era galega, dixo-me... pode ser, e bem se estou na rua, e me pedem indicar um caminho* ».

Em cámbio, respeitando a escolha linguística do seu interlocutor, o informante mostra a sua posiçom crítica face ao emprego « automático » do espanhol em cada intercámbio linguístico (no território da Galiza) com interlocutores com os que nom partilha esta língua: « *da mesma forma que eu nom obrigo ninguém a me compreender... eh... ninguém pode obrigar-me, e sobretudo no meu próprio país, a utilizar umha língua que nom é minha assim como eu nom lhe obrigo a ninguém a entender-me, ...eh... o que nom me pode obrigar ninguém tampouco é, sobre todo dentro do meu país, a utilizar umha língua que nom é a minha.* ». O informante acrescenta, tomando o exemplo dos Madrilenos que venhem a Galiza, que estes deveriam compreender, segundo el, que « *quando venhem a Galiza estam atravessando, nom umha fronteira real, pero sim, eh... umha... Estam passando dumha extensom geográfica com umha cultura e umha língua diferentes... eh... a outra.* ».

47 Tivemos a oportunidade de confirmar esta declaraçom pola observaçom das práticas linguísticas reais durante o período de três meses.

É interessante assinalar a forma com a que o informante delimita o território de Galiza. Empregando a expressom « *meu próprio país* » (como sinonimo de Galiza), opom-na ao « de fora » onde inclui também o resto de Espanha. Igualmente apropria-se - de forma simbólica - a língua desse território (mais precisamente, a que considera como a « sua », o galego). Por enquanto o galego é percebido por Ernesto como um instrumento de comunicação, mas também um marcador identitário, o espanhol aparece como umha língua que el nom fai própria. É, como el di : « *umha língua que nom é a minha.* ».

Aliás há que salientar, que a totalidade dos nossos informantes opom a Galiza a um « *fora* ». Este « *fora* » geográfico corresponde a todo o que nom é Galiza. Porém, é interessante observar os diferentes graus deste « *alhures* » ente os informantes. Por umha banda, para um grupo das pessoas entrevistadas, o resto de Espanha representa o que se poderia designar como umha *identidade complementária* ou de segundo grau, mas fazendo sempre - de certa maneira - também parte da identidade galega. Trata-se pois, nesse caso, de um « *fora* » ou « *alhures* » que constitui um certo encavalgamento entre o que é galego e o que é estrangeiro (do ponto de vista identitário). Por outro lado, alguns entrevistados percebem umha clara oposição entre Galiza e todo o que nom é a Galiza (onde o laço Galiza-as outras comunidades do Estado Espanhol nom existe, por regra geral, mais que no plano institucional). Assinalemos também que a percepçom da noçom de *Espanha* varia de forma notável entre os informantes: em quanto uns a consideram como um conjunto do qual Galiza fai parte (também) culturalmente, outros entrevistados percebem Galiza e Espanha como *dous países diferentes* e finalmente, em um dos casos o informante manifesta umha visom bem particular designando Espanha como « *todo o que nom é Galiza, o País Basco e Catalunha* ».

À pergunta de quando e porque mudara a sua língua usual, o informante responde que o câmbio foi o resultado de umha dinâmica lenta : « *Nom, bah, mais bem foi um processo, sim. Podemos dizer que foi um processo* ». Para além de umha certa influência do seu irmao maior, o informante evoca sobretudo um grupo de amigos : « *houvo (...) influência da gente, duns amigos de Narom com os que andava naquele momento* ». É interessante notar no fragmento de discurso concernente ao câmbio de língua usual, o emprego do pronome pessoal « *nós* » em lugar da primeira pessoa do singular : « *Nós já tínhamos certa inquietude, nom?, polo tema cultural, polo feito diferencial de Galiza fronte ao Estado Espanhol..., eh..., foi umha inquedaça que foi medrando... Partiu praticamente do nada..., partiu pois de certa curiosidade e a partir de ai foi medrando, fomo-nos interessando... cada vez mais* ».

Tendo precisado que tinha 16-17 anos durante este processo de mudança, a seguir vai mais longe nas suas explicaçoms: « *Fomo-nos interessando cada vez mais, empeçamos a participar em movimentos nacionalistas, dumha ideologia de esquerda... no que o galego, como língua, e a cultura de Galiza estavam mui arraigadas e entom a partir de ai, pois* ». Lembremos agora que os movimentos nacionalistas aos que o informante fai referência, inscrevem-se numha ideologia mais bem de esquerda, herdeira do pensamento humanista do artista e político galego Daniel R. Castelao, um dos fundadores do Partido Galeguista em 1931. Podemos acrescentar aqui que a quase-totalidade dos nossos informantes evoca a questom da identidade ou da procura de umha identidade como principal razom para mudar de língua usual.

O informante constata que ao começo nom falava em galego mais que no círculo desses amigos. Pouco e pouco, começou a utiliza-lo noutros meios. Finalmente, um dia, decidiu (como os seus amigos) utilizar o galego em todos os contextos para manifestar a coerência entre as suas convicções, as suas reflexons, por um lado, e as suas práticas linguísticas polo outro: « *Depois já chegou um dia em que dixemos ... : nom, isto tem que serem todos... em todos os ambientes devemos falar sempre em galego, nom?, pra ser minimamente coerentes com o que pensamos* ».

No concernente às outras entrevistas que constituem o nosso corpus, a grande maioria dos informantes declaram terem mudado a sua língua usual em benefício do galego na idade adulta, amiúde durante os primeiros anos dos estudos universitários. Tratava-se muito frequentemente de um processo, como no caso de Ernesto. Os informantes sublinham aliás, implicitamente ou explicitamente, a importância do entorno (nom imediato) nesta mudança.

Em quanto às reacções do seu entorno a esta mudança, variam segundo o meio. A sua família aceitou a sua decisom de cambiar de língua usual: « *O meu pai, bueno, assumiu-no como algo normal. A minha nai também,* ». Porém, a sua mai tinha ao mesmo tempo medo das dificuldades que poderia arrastar este cámbio : « *assumiu esse cámbio como a manifestaçom externa dumha ideologia e... tivo medo, ao principio... ela pensava que se volvia ganhar a direita umhas eleiçoms íamos volver aos tempos de Franco. E ainda o pensa agora* ». A mai percebia pois esta mudança linguística como umha mudança ideológica fundamental.

O que surpreende nesta declaraçom (assim como nas, muito parecidas, da quase totalidade dos nossos informantes) é que os acontecimentos do passado estám ainda muito presentes na memória colectiva. Nom tendo transmitido o galego a seus filhos no final da época franquista, ver mais adiante, a maioria dos pais continuam (quinze ou vinte anos depois) a exprimirem o medo das dificuldades que poderia arrastar esta escolha linguística a favor do galego. Podemos lembrar que a diferença da maioria dos países de Europa ocidental nos que o processo da democracia começou depois do fim da segunda guerra mundial (1945), Espanha permaneceu submetida ao regime fascista do general Franco até 1975.

As reacções ao cámbio de língua usual do nosso informante no meio escolar (companheiros de aula), fôrom mais bem frias: « *digamos que nom se enemistaram comigo pero sim fomos pouco a pouco perdendo contacto.* » Produziu-se umha situaçom curiosa (indicada aliás por várias das outras pessoas entrevistadas): « *Era o único. Havia gente que... havia companheiros de classe que, comigo, ao falar-lhes eu em galego, respostavam-me em galego. Pero... pero era o único da minha classe que falava em galego.* ». A reacçom dos seus professores foi similar: « *Sim, eu falava-lhes em galego. Sim, a algum nom lhe pareceu especialmente moi bem...* ».

No nivel profissional, o informante constata que as reacções variam segundo o empregador. O facto de falar galego representa mais bem umha vantagem no seu actual trabalho: « *porque se fala quase única e exclusivamente com galego-falantes* ». Porém, esse mêsmo facto pode tambem ser um inconveniente: « *por exemplo Vigo ou A Corunha, falar galego pode ser um limitante à hora de*

atopar um traballo..., um traballo de certa cualificación... ». O informante évoca aliás a sua propia experiência nalgumhas entrevistas de traballo: « *o feito de falar em galego era algo que nom... Se notava um distanciamento... É dizer, nom era algo que lhes agrada-se em extremo. E sim que... eh... cheguei a sentir-me... vamos, nom sei se discriminado, pero sim... um pouco afastado do que... do que eles estavam buscando e, se quadra, bueno, sim violentado, polo menos. ».*

À questom de saber se alguns dos seus amigos eram locutores de espanhol, rêsponde, a rir, que esse facto nunca lhe supujo um problêma : « *Pero nom supom um problema. Polo menos para mim, vamos. Nom sei se para eles supom um problema que eu fale galego, pero bueno, para mim dende logo nom... (risos) ... supom um problema que falem em espanhol. ».* Precisa aliás que os amigos de Amélia exprimem-se, em geral, em espanhol.

5.4.5 Transmissom da língua

Lembremos primeiro que a mai do informante nom julgou útil, ou prudente, transmitir o galego aos seus filhos. O informante, evocando os anos da ditadura do general Franco: « *A repressom franquista fixo melha em moita gente »*, testemunha a sua capacidade de compreender os motivos da sua mai: «*por esse medo a que os seus filhos foram denostados, foram... eh.... pois dalgumha forma discriminados*».

Igual que o informante, a sua companheira, de 22 anos, falou quase exclusivamente espanhol até a idade adulta. Quando se conhecêrom, a língua usual de Amélia era o espanhol. De todas as maneiras, o informante nom considera (o começo da) sua relação como o factor decisivo da mudança de língua: « *Cambiou também por... poderia-se pensar que por influencia minha, pero eu considero que foi mais por... porque ela mesma foi descobrindo o... outro ambiente*». podemos notar aqui, que a sua amiga (originaria de Vigo) declara ela mesma⁴⁸ ter começado a falar maioritariamente em galego depois de vir a viver em Santiago de Compostela (tradicionalmente considêrada umha cidade onde a cultura galega está muito presente e onde o galego é a língua de comunicação).⁴⁹ Os dous informantes ponhem de relevo umha variável (o entorno nom imediato) que contribuiria de forma nom desprezível ao câmbio de língua usual.

O informante igual que a sua companheira, tenhem a ideia de terem filhos. Ernesto responde com segurança que a língua de comunicação será o galego. Estima, sem estar totalmente seguro, que a sua companheira poderia⁵⁰ compartilhar esta escolha : « *cuido que também lhes falaria em galego ...*».

48 Tivemos a ocasiom de entrevistá-la algumhas semanas mais tarde.

49 Para mais informaços sobre o estado actual, remetemos ao estudo A sociedade galega e o idioma: A evolución sociolingüística de Galicia (1992-2003), mencionado várias vezes mais acima.

50 Podemos acrescentar que (segundo as suas próprias declaraços quando a entrevistamos) tem a intençom de falar em galego aos seus filhos, ela também, precisando que respeitaria completamente a escolha linguística de seus filhos (quer dizer, inclusive no caso de que seus filhos se dirigissem a ela em espanhol – quaisquer que fossem as razons).

O informante tem umha visom bastante pessimista da conservaçon do galego como língua usual (fora do meio familiar) entre a nova geraçon. A este respeito di: « ... e à hora de ter filhos, pois isso é um problema. E dizer, plantear-se ter filhos... plantear-se de que os filhos podam ter umha educaçon em galego..., na casa sim é possível, provavelmente, pero no entorno fora da casa, no exterior, é praticamente impossível, a nom ser que se vaia um para o rural,»

Todavia, o informante evoca as dificuldades que há para achar um estabelecimento escolar onde o ensino seja ministrado em galego: « neste momento, tal e como estám as cousas, é moi complexo atopar um centro, bem seja umha guardaria ou um colégio de primária ou um de secundária ou o que seja, no que haja umha educaçon em galego.». Aliás, dá um exemplo desta situaçon: « pola experiência que... que tenho de ver aos meus companheiros de trabalho e outra... gente que tem filhos e que busca umha educaçon em galego, e que, no momento em que... em que saem os seus filhos da casa, falam espanhol. »

Interrogado sobre as possíveis consequências negativas do uso do galego com os seus filhos, o informante responde da maneira seguinte : « assim como eu afrontei os possíveis problemas que pudérom surdir polo feito de falar galego, eh... entendo que os meus filhos poderám também... ». O informante acaba, contudo, por reconhecer que a diminuiçon do número de locutores do galego pode criar um novo problema: « na situaçon na que estamos, estamos com umha perda constante de... de falantes. E isso sim que pode chegar a ser um problema ».

A totalidade dos nossos entrevistados declara ter a intençon de transmitirem o galego a seus filhos. Em alguns casos, tivemos a oportunidade de confirmar estas declaraçons pola observaçon das práticas reais das pessoas interrogadas. Porém, a grande maioria dos nossos informantes sublinham ao mesmo tempo as dificuldades que há para achar (em meio urbano) um infantário ou um estabelecimento de ensino elementar ou secundário onde os cursos sejam ministrados em galego.

5.5 Síntese geral

A primeira língua em que Ernesto soubo exprimir-se era o espanhol. Nom começou a falar galego até o final da sua adolescência (mesmo se esta língua estava, de certa maneira, presente na sua vida desde sempre). A mudança da língua usual era para Ernesto (assim como para todos os outros entrevistados) um processo, influído sobretudo polo entorno (nom imediato). Podemos pois pôr em relevo este último em tanto que variável que contribuiria de forma nom desprezível ao cambio de língua usual. Além disso, a decisom de mudar a língua usual em favor do galego está ligada a razons concernentes a procura da identidade.

No que concerne às reacçons a este cámbio da língua usual, variam, no caso de Ernesto (assim como na maioria das pessoas interrogadas), segundo o meio. O meio familiar foi, por regra geral, o meio onde dita mudança foi melhor aceita. Contudo, há que sublinhar que mesmo se os pais (muito amiúde) respeitaram a escolha de seu filho (filha), tiveram ao mesmo tempo medo das dificuldades que poderia arrastar esta escolha linguística a favor do galego (baseando-se na sua

própria experiência no passado).

Ernesto a quem seus pais não lhe transmitiram o galego, tem a intenção de transmiti-lo aos seus filhos (a totalidade das pessoas entrevistadas declaram esta intenção). Mostra embora compreensão pela decisão dos seus pais de não lhe terem transmitido o galego, evocando o período do franquismo, muito desfavorável ao uso do galego. Há que salientar aliás que a geração dos pais dos *neofalantes* continua a exprimir este medo (que os levou a não transmitirem o galego a seus filhos) mesmo quinze ou vinte anos depois do fim da ditadura franquista. Podemos pois observar um deslocamento entre os câmbios históricos e as representações destes na memória colectiva dos galegos.

Conclusom

Temos procurado, através do discurso dos nossos informantes, examinar o fenómeno da mudança da língua usual em Galiza, quer dizer o passo do castelhano para o galego. Tendo em conta o facto de que o número de locutores de galego diminui constantemente durante as últimas décadas, interessamo-nos polas razons que levaram aos novos locutores do galego, os *neofalantes*, a mudarem a *língua legítima* (no sentido de Bourdieu) por umha língua menorizada (em tanto que língua usual). Todavia, estudamos as reacções do entorno perante tal cámbio. Também, abordamos, de forma geral, a questom da transmissom da língua entre os novos locutores do galego.

Para nom reduzirmos a riqueza e a complexidade do contexto sócio-linguístico galego, optamos pola interview interactiva como meio de recolhida de dados. Umha das principais razons desta escolha era o facto de que o fenómeno que focalizamos neste trabalho é, que saibamos, um sujeito muito pouco estudado. Portanto consideramos que era importante – e isso sobretudo para esta primeira fase da nossa investigação que apresentamos agora – tratar de explorar o terreno do inquérito mais em profundidade. Figemo-lo pois através das entrevistas interactivas que permitem reformular umha mesma questom assim como pedir precisons concernentes às declarações das pessoas entrevistadas.

Conclui-se de vinte interviews efectuadas a novos locutores de galego em Galiza (apresentando características geográficas e sociais muito diferenciadas) que a mudança do castelhano para o galego produz-se o mais amiúde na idade adulta. Trata-se, por regra geral, de um processo onde umha variável parece jogar um rol decisivo: a influencia do entorno (nom imediato) para a mudança da língua usual. Mesmo se a maioria das pessoas entrevistadas figérom (ou, polo menos, começaram) estudos superiores, este facto em si mesmo nom parece ser decisivo para a mudança da língua usual. Em cámbio, baseando-nos nas declarações das pessoas entrevistadas, pudemos constatar que a mudança do entorno (para aquel que é favorável ao galego e que, como exemplo, pode coincidir com o lugar dos estudos superiores) aparece como um dos factores-chave que levam a mudança para o galego como língua usual. Este factor deveria aliás ser objecto de um estudo mais profundo que tentaremos fazer durante a nossa investigação doutoral.

Em quanto à transmissom intergeracional, a decisom dos pais dos novos locutores de galego de nom transmitir o galego a seus filhos deve-se a um ambiente sócio-político repressivo (o do período do franquismo) que permanece presente na memória colectiva até os nossos dias (na geraçom dos pais dos *neofalantes*), segundo as declarações das pessoas entrevistadas. Este aspecto necessitaria também, sem dúvida, um exame mais profundo. Tratando-se da geraçom dos próprios novos locutores, todos os entrevistados declaram ter a intençom de transmitir o galego a seus filhos. Seria desejável, durante a fase seguinte da nossa procura, completar estas declarações com a observaçom das práticas linguísticas reais.

Para concluir, há que sublinhar que, evidentemente, este trabalho nom constitui mais que umha aproximaçom prévia ao estudo do fenómeno sócio-linguístico dos novos locutores do galego em

Galiza. Porém, trata-se ao mesmo tempo, ao nosso conhecimento, da primeira aproximação sistemática a este fenómeno. Vista a escassez de bibliografia sobre este sujeito e de tempo suficiente para recorrer um tema tam amplo, nom analisamos neste trabalho mais que alguns aspectos de umha das vinte entrevistas que constituem o nosso corpus (de umha duração total de mais de dezasseis horas). Esta análise estava seguida por umha síntese muito geral de alguns pontos convergentes em todas as entrevistas. Entre as questor que demandariam um estudo mais profundo, podem-se mencionar, como exemplos: 1) as representações sobre a identidade, a saber a identidade linguística, dos novos locutores de galego, 2) a verificação da transmissão intergeracional entre os novos locutores do galego através da observação das práticas reais, 3) umha descrição mais pormenorizada do contexto sócio-político para compreendermos melhor o meio donde saíram os novos locutores do galego, e 4) a análise comparativa do discurso de todas as entrevistas com os novos locutores de galego assim como a comparação dos traços salientes deste discurso com o de outros grupos sociais, 5) a elaboração de um quadro interpretativo geral que, partindo do paradigma galego, contribuirá à melhor compreensão do fenómeno da mudança de umha língua legítima para umha língua minorada como língua usual, e 6) um estudo comparativo do caso galego com o de outros contextos sócio-linguísticos análogos, por exemplo, o de Alsácia.

Bibliografía

1. Alvarez Cáccamo C., 1997, « Construindo a Língua no discurso público: Práticas e ideologias linguísticas », Agália. *Revista Internacional da Associação Galega da Língua* 50, pp. 131-150.
2. Alvarez-Cáccamo C., 1993, « The pigeon house, the octopus, and the people: The ideologization of linguistic practices in Galiza ». *Plurilinguismes* 6, pp. 1-26.
3. Alvarez-Cáccamo, C., 1996, « The power of reflexive language(s): Code displacement in reported speech », *Journal of Pragmatics* 25(1), pp. 33-59.
4. Blanchet Ph., 2000, *Linguistique de terrain, méthode et théorie (une approche ethnosociolinguistique)*, Rennes : Presses Universitaires de Rennes.
5. Blommaert J, (ed.), 1999, *Language-Ideological Debates*. Berlin: Mouton de Gruyter. pp 1- 40.
6. Bothorel-Witz A., 2000, « Les langues en Alsace », *DiversCité Langues*, En ligne. Vol. V. Disponível em http://www.telug.quebec.ca/diverscite_
7. Bourdieu P., 1982, *Ce que parler veut dire*, Paris : Fayard.
8. Bres J., 2000, « L'entretien et ses techniques ». In : Calvet L.-J. et Dumont P. (dir.), *L'enquête sociolinguistique*, Paris : L'Harmattan.
9. Calvet L.-J., 1993, *La sociolinguistique*, Collection Que sais -je?, Paris : Editions PUF.
10. Calvet L.-J., 1999, *La guerre des langues et les politiques linguistiques*, Paris: Hachette Littératures.
11. Castro López M., 1998, *Manual de iniciación à língua galega. Sociolingüística, morfosintaxe, ortografía e léxico*, Ferrol : Fundación Artábria.
12. van Dijk T. A., 1998, *Ideology: A multidisciplinary approach*, London: Sage.
13. Domínguez Seco L. et Herrero Valeiro M. J., 2001, « Monolingüismo e purismo (A ideologización das prácticas de fala na Galiza) », *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad* 3(1), pp. 9-41.

14. Domínguez Seco L. et Herrero Valeiro M. J., 2003, « Pureza e (des)lealdade lingüística na ideologización das condutas de fala na Galiza », In: Carmen Cabeza Pereiro, Anxo M. Lorenzo Suárez, and Xoán Paulo Rodríguez Yáñez (eds.), *Comunidades e individuos bilingües: Actas do I Simposio Internacional sobre o Bilingüismo* [Universidade de Vigo, 21-25 Outubro 1997] [CD-ROM], Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo, pp. 42-53.
15. García Negro M. P., 1991, *O galego e as leis : Aproximación sociolingüística*. Vilaboa: Cumio
16. González González M. (dir.), 2003, *O galego segundo a mocidade*, A Coruña: Seminario de Sociolingüística da Real Academia Galega.
17. Gumperz J. J., 1982, *Discourse strategies*, Cambridge: Cambridge University Press.
18. Heller M., 1999, *Linguistic minorities and modernity: A sociolinguistic ethnography*, London: Longman.
19. Herrero Valeiro M. J., 2000, « Os novos galegos e o uso do galego como inciso conversacional », *Agália. Revista Internacional da Asociación Galega da Língua* (62), pp. 77-101.
20. Herrero Valeiro M. J., 2003, « The discourse of language in Galiza: Normalisation, diglossia, and conflict », *Estudios de sociolingüística: Linguas, sociedades e culturas*, Vol. 4, Nº 1, pp 289-320.
21. Huck D., 1997, « Incidences des représentations sur la transmission d'une langue minorée. Quelques observations liminaires », In : Labrie, Normand (ed.), *Plurilinguismes XX: Etudes récentes en linguistique de contact*, Bonn : Dümmler, pp. 146-154.
22. Lorenzo Suárez A., 2006, “Idade e comportamentos (socio)lingüísticos na Galicia actual”, Communication présentée aux *III Xornadas de linguas e usos : lingua e idade* (Universit é de la Corogne, le 08/11/2006).
23. Monteagudo H. et Lorenzo A. (dirs.), 2005, *A sociedade galega e o idioma: A evolución sociolingüística de Galicia (1992-2003)*, Santiago de Compostela : Consello da Cultura.
24. Portas M., 1995, *Língua e sociedade na Galiza*, A Coruña : Bahía Edicións.
25. Strubell M., 1987, « L'ensenyament bilingüe i els mètodes d'immersió », *Caplletra Revista de Filologia*, 2, pp. 115-132.

26. Trias Conde X., 2006, « *A normalización lingüística na Romanía: A normalización da lingua e normalización dos falantes (o caso dos neofalantes)* », *Inaua. Revista Philologica Romanica*, 6, pp. 49-68.
27. Urla J., 1993, « Cultural politics in an age of statistics: Numbers, nations, and the making of Basque identity », *American Ethnologist*, Vol.20, No.4, pp 818-843.
28. Woolard K. A., 1998, « *Introduction: Language ideology as a field of inquiry* », In Bambi B. Schieffelin, Kathryn A. Woolard, and Paul V. Kroskrity (eds.), *Language Ideologies: Practice and Theory*, Oxford/New York: Oxford University Press, pp. 3-47.
29. Woolard K. A. et Schieffelin B. B., 1994. « Language ideology ». In William H. Durham, E. Valentine Daniel, and Bambi Schieffelin (eds.), *Annual Review of Anthropology*, pp. 55-82.

Anexo

Transcriçom da entrevista analisada no estudo de caso

Nome fictício da pessoa entrevistada: Ernesto

Data e local da entrevista: 18 de Março de 2007; Santiago de Compostela

Idade da pessoa entrevistada: 31 anos

V: Háblame un poco de ti... ¿De dónde eres? ¿Dónde naciste?

E: Ah... Nascim ... em Ferrol... eh no setenta e seis ... e, *bueno*, nas aforas de Ferrol, mais bem no bairro do NOM que pertence a NOM (risos) e, *bueno*, era umha zona, quando nascim era umha zona rural, depois a cidade foi-se extendendo e já se converteu... hmm... *bueno*, cambiou o uso do cham de rural a urbanizável, ainda nom é cidade pero case (risos).

V: ¿Y dónde estudiaste? ¿Allí también?

E: Eh, sim, a poucos ... realmente a um par de quilómetros havia um colégio público. Eh., ali estudei, *vamos*, ali estudamos os três irmans.

V: ¿Y después seguiste con los estudios?

E: Sim, depois do colégio público fum a um centro de bacharelato, publico também, como no podia ser doutra forma...

V: ¿En Ferrol?

E: Sim, em Ferrol, este já estava mais no centro, estava, pois nom sei se a quatro ou cinco quilómetros, que fazíamos rigorosamente a pé todos os dias (risos). Sim, aquilo j á era mais... mais cidade. O colégio, o que era a primária, era mais assim rural, era umha cousa, umha mistura estranha entre o que era os arrabaldes da cidade e o rural, era umha mistura assim... O instituto nom, o instituto já era cidade, já era no centro de Ferrol.

V: ¿Y después ya empezaste a trabajar o...?

E: Nom, depois ... j á *emecei* na universidade. *Bueno*, ao principio é verdade que estava pensando se irá universidade ou nom (risos), nom me agradava moito a ideia pero ...

V: ¿Por qué no?

E: Por que nom me agradava muito a ideia? Pois, porque pensei que ia ser umha extensom do instituto.

V: ¿En qué sentido?

E: Eh... *bueno*, *eu...* a minha experiênciã no instituto foi bastante *mala* porque a mim nom me gostavam nem os professores nem me gostava... nada... Estávamos vivendo umha situaçom naquele

momento de... de recessom económica na cidade e... existia um mal ambiente generalizado, nas pessoas incluso se notava, nom?, e no instituto nom era menos, quero dizer o instituto era ... um centro onde se focalizavam os *malhumores* de todo o mundo (risos) e *donde*, os professores, vias que eram pessoas sem nenhum interesse ou, nom todos, pero sim umha grande parte, sem nenhum interesse por... pola docência. Eram simplesmente pessoas que estavam amargadas e que... e que nom lhes interessava o mais mínimo o seu alunado, e isso, pois, evidentemente, eh... influuiu em todos os que éramos alunos naquele momento e que estávamos fartos daquela situação de opressom de... de incultura, de *tonteria*, que se... que se..., respirava no instituto e pensei que a universidade seria exactamente isso... e como nom queria, pois pensei-me *moi muito* se continuar na ... estudando. Finalmente, sim, continuei estudando, fum-me a Lugo a estudar engenharia.

V: ¿Cuantos años tenías entonces?

E: Quando me fum a Lugo? Pois tinha vinte anos. Sim porque foram..., os que passei no bacharel foram seis anos. Sim, tinha vinte anos quando marchei a Lugo... ali, pois descobrim um mundo completamente diferente. Por umha parte, as *classes* sim eram essa cousa *aburrida* e estúpida de pessoas que nom temem nenhum interesse pola docência, pero, à margem de... do que era a universidade, eh... descobrim outras moitas... moitas cousas, pois com companheiros e companheiras de classe e um...

V: ¿Cuando dices “outras cousas” a qué te refieres?

E: Pois descobrim que... um mundo cultural aberto e mentalidades abertas, nom todas pero sim... sim que che permitia medrar, nom?, interiormente e depois também o que ... o que estava ao redor da universidade... pois, que era... trabalhos academicamente dirigidos, o próprio Erasmus, que fixem um Erasmus, todas essas actividades alternativas que nom... que nom era só o ir a *classe* e volver de *classe*, nom?, se nom que era muito mais, pois isso resultou-me extraordinariamente interessante foi polo que verdadeiramente me motivou continuar estudando na universidade ainda que e à metade descobrim que eu se quadra nom servia como engenheiro, pero *bueno*, independentemente disso, gostou-me a experiência (risos).

V: ¿Qué exactamente estudiaste entonces?

E: Estudei o que lhe chamam engenharia NOM (risos). É o título completo. Fixem s ó os três anhos porque, teria possibilidade fazer dous anos mais, que seria a engenharia superior pero, a verdade, nom me apetecia, é dizer, como aluno estava já bastante canso dos meus professores. Eram pessoas... maiormente... desmotivadas, pessoas que estavam mais interessadas no seu lucro pessoal, pois, com projectos que lhes podiam sacar quartos à universidade ou a qualquer outra entidade com animo de lucro e... e eu, pois pensei que já nom era o que eu queria, isso, quero dizer, pois continuar aguentando pessoas às que nom lhes importava nada, absolutamente nada o que... o que estavam fazendo, se nom que lhes interessavam mais os seus projectos particulares mais que o feito de dar *classes* e de ensinar algo. E por isso nom continuei. Depois, estivem... cerca de dous anos buscando trabalho, primeiro em Lugo, *bueno*, sim em Lugo, busquei trabalho principalmente em Lugo. Nom queria perder esse

contacto com a gente porque era o que me podia ajudar a atopar trabalho, esse contacto, e depois foilasta esse contacto mesmo que me facilitou atopar o meu primeiro trabalho. *Bueno.*, *bueno*, foi um primeiro trabalho como autónomo e me fum viver em Ourense, a, concretamente NOM, ali estivem vivendo ao redor de sete meses, no 2003, fazendo... desenvolvendo, *bueno*... primeiro colaborando numha granja. Fazíamos assim... íamos a *classes* por cursos FIP, que som cursos de formaçom... eh... profissional e colaborávamos ali numha granja e depois, eh..., concretamente no concelho de NOM, fum trabalhar... na elaboraçom dum pequeno jardim botânico. E depois... marchei porque nom me podiam *garantizar* um salário. Umhas mafiadas horríveis. Estivem quase um ano em paro, em Vigo, vivendo em Vigo, até que... *bueno*, marchei a Inglaterra nesse ano. Marchei a Inglaterra, depois marchei a Irlanda, depois volvim, estivem outra temporada em paro (risos) e foi quando atopei o trabalho em NOM.

V: ¿Es allí donde trabajas ahora?

E: Sim, é onde trabalho agora, depois de passear moito por ai, agora finalmente estou em Santiago, trabalhando na comarca.

V: ¿Y dónde vives? ¿También en Santiago?

E: Sim, vivo em Santiago.

V: ¿En el centro o en las afueras?

E: *Bueno*, *eh...*, como Santiago é umha cidade pequena (risos), podemos considerar que vivo nas aforas, no bairro de NOM.

V: Vamos a hablar un poco de las lenguas, ahora, si no te importa. ¿Te acuerdas de cuál fue la primera lengua que hablaste?

E: Sim, *eh...*, espanhol.

V: ¿Quién te hablaba en español?

E: Pois na minha casa atopaba-se umha, assim..., umha..., situaçom que..., *bueno*, nom é tam estranha. Eh... o meu pai falava em galego e a minha nai falava em espanhol. Principalmente, por... por medo, considerava que o galego podia denotar...

V: Contigo, ¿dices?

E: Sim, falava em espanhol comigo, *bueno*, falava... a minha nai falava em espanhol em geral. Eh..., aqui em Galiza hai umha..., na gente..., já nom tanto do rural, pero sim que..., sim que veu do rural e agora vive numha cidade, hai esse medo a... a falar em galego, polo menos com estranhos... e, por exemplo, falam em galego normalmente, ao melhor, e a um estranho falam-lhe espanhol porque nom se sabe quem pode ser ... (risos). Pero...

V: ¿Por qué miedo?

E: Que? Medo, por que? Porque, principalmente pola repressom franquista. A repressom franquista fixo *melha* em moita gente. Forom moitos anos derepressom, nos que o galego era umha língua *denostada* absolutamente, quero dizer, nom tinha nemhum tipo de valor falar em galego. Ademais, era algo pejorativo falar em galego. É dizer, falar galego era considerado de pessoas incultas, sem nemhum tipo de conhecimentos nem cultura. E... entom, claro, havia que... as pessoas... reagiom a essa situaçom, pois, falando em espanhol ou polo menos o espanhol que consideravam que era espanhol, nom sei se era outra cousa, pero... Entom a minha nai, por esse medo a que os seus filhos foram *denostados*, foram... eh.... pois dalgumha forma discriminados, justo numha cidade que era bastante reaccionária, umha cidade mui conservadora....

V: ¿En Vigo?

E: Em Ferrol, em Ferrol. Sim, eh.... pois a minha nai tentou-nos educar em espanhol. O meu pai, neste caso, falava sempre em galego porque era a única língua que sabia falar. Quero dizer, o meu pai particularmente... *bueno*, sabe falar espanhol pero... pero (risos) nom é moi loquaz em espanhol (risos)...

V: Entonces, ¿ellos entre ellos hablaban en gallego?

E: Entre eles sim, falavam em galego. A minha nai com nós falava em espanhol, pero com meu pai falava em galego, sim. Porque, o meu pai, era o único que sabia falar e o único que falou sempre, *vamos* (risos).

V: ¿Y tienes hermanos?

E: Sim, tenho dous, tenho umha irmã e um irmam.

V: ¿Con ellos también hablabas en...?

E: Sim, entre nós falávamos em espanhol. Nós falávamos em espanhol sempre, sim. Era umha cousa habitual e... incluso com meu pai, que nos falava em galego, nos falávamos-lhe espanhol. Era a língua que... também porque na escola era o único que escoitávamos.

V: ¿Conociste a tus abuelos?

E: Eh... sim, aos meus avós paternos sim, e eles falavam em galego (risos).

V: ¿Entre ellos o con vosotros también?

E: Falavam em galego com todo o mundo porque era... passava-lhes um pouco o mesmo que ao meu pai, que era a língua que falaram sempre e... nom sabiam falar outra cousa (risos). Podia-se pensar... podia-se dizer que nom falavam... ao melhor sabiam falar um pouco de espanhol, pero

bueno, era..., saia-lhes quatro palavras, ao melhor umha frase, pero tampouco era umha cousa que... se molestassem moito em apreender.

V: ¿Entonces tu aprendiste gallego escuchándolo en casa, aunque no lo hablabas? ¿O fue en la primaria...?

E: Eh... sim, nom. Principalmente, a minha primeira influência, eh... galego-falante, digamos, é na casa, sim. Na casa, eh... porque, *bueno*, meu pai falava em galego e ademais falava um galego nom artificial, quero dizer, falava o galego que escoitara ele sempre. E... e também de escoitar à minha nai de vez em quando falar em galego com meu pai, pois isso também, eh..., influíra. Depois também os meus avós que viviam moi próximos à minha casa, pois, também falavam em galego. Eu visitava-os, porque eram os meus padrinhos ademais dos meus avós. E com eles... eles falavam-me em galego ainda que eu falasse em espanhol.

V: ¿Los veías todos los días?

E: Nom, todos dos dias nom, pero *bueno*, regularmente. Umha vez à semana, umha vez cada duas semanas. Sempre, tinha costume, quando era mais pequeno, depois já medrei e já nom tanto. Pero sobre todo quando era mais pequeno tinha costume de ir regularmente à casa dos meus avós. E eles, claro, ao falar em galego pois, sempre..., sempre me influíram nesse sentido.

V: ¿Qué lengua hablas ahora con más frecuencia?

E: Agora falo em galego... Praticamente só em galego. Se falo em espanhol nalgum momento é porque tenho que fazer chamadas fora de Galiza e entom..., a Espanha, sobre todo porque agora em NOM trabalhamos com... com umha empresa espanhola e quando tenho que chamar ali falo espanhol. Pero polo demais falo em galego.

V: ¿Cuándo y por qué se produjo ese cambio?

E: (Risos) Pois foi umha cousa... *bueno* a verdade é que ai houve influência também do meu irman, houve influência da gente, duns amigos de Narom com os que andava naquele momento... Foi assim umha cousa... Nós já tínhamos certa inquietude, nom?, polo tema cultural, polo feito diferencial de Galiza fronte ao Estado Espanhol..., eh..., foi umha inqueda que foi medrando... Partiu praticamente do nada..., partiu pois de certa curiosidade e a partir de ai foi medrando, fomos interessando... cada vez mais... Estamos falando de quando tinha... 16-17 anos. Fomos interessando cada vez mais, *empeçamos* a participar em movimentos nacionalistas, dumha ideologia de esquerda... no que o galego, como língua, e a cultura de Galiza estavam mui arraigadas e entom a partir de ai, pois..., primeiro seguíamos falando assim um pouco em espanhol porque... *bueno*, toda a gente que nos conhecera, dende um princípio escoitara-nos falar espanhol e, *bueno*, esse câmbio às vezes é um pouco difícil. Pero finalmente optamos por... passar-nos directamente ao galego e falar sempre em galego, independentemente de que resultasse raro, sobre todo à gente que já nos conhecia.

V: Entonces, ¿no fue de un día al otro?

E: Nom, bah, mais bem foi um processo, sim. Podemos dizer que foi um processo, foi, *bueno*, fomos introduzindo no mundo do galego e... e a partir de aí o... O que sim foi..., um dia *empeçamos*, *bueno*, primeiro a falar em galego, *vamos*, no ambiente, pois, entre nós, entre os amigos e tal, que já nos conhecíamos e que compartíamos esse interesse. Depois também chegamos à casa e *empeçamos* a falar em galego. Pero havia ambientes nos que, *bueno*, seguíamos, se quadra, utilizando o espanhol. Depois já chegou um dia em que dixemos... : nom, isto tem que ser em todos... em todos os ambientes devemos falar sempre em galego, nom?, pra ser minimamente coerentes com o que pensamos.

V: ¿Te acuerdas cuantos años tenías, más o menos?

E: Pois isso, quando fixem o câmbio devia ter já 17 anos, 17 anos... O mais complicado foi com os meus amigos do instituto. Isso... porque claro, dende que entrara com 13-14 anos no instituto falara sempre em espanhol e de repente um dia aos 17 anos chegho-lhes ali falando em galego.... E sim que foi um choque importante e houve gente que incluso nom o tomou assim moi bem... Quero dizer, nom... digamos que nom se *enemistaron* comigo pero sim fomos pouco a pouco perdendo contacto.

V: ¿Eras el único que hablaba gallego en tu clase, entonces?

E: Sim.

V: ¿Sí?

E: Era o único. Havia gente que... havia companheiros de *classe* que, comigo, ao falar-lhes eu em galego, respostavam-me em galego. Pero... pero era o único da minha *classe* que falava em galego.

V: ¿Y con los profesores?

E: Com os professores, eh... a maior parte dos meus professores falavam em espanhol e seguirom falando em espanhol, comigo, e...

V: Pero tú les hablabas en gallego... ?

E: Sim, eu falava-lhes em galego. Sim, a algum nom lhe pareceu especialmente moi bem, de feito... a aqueles mais reaccionários pareceu-lhes incluso mal... e... e isto sei-no, basicamente, por conversas que tivei pessoalmente com eles, quero dizer, pareceu-lhes incluso mal que me cambiasse ao galego. Sobre todo porque identificavam o galego naquele momento, possivelmente mais que agora, e sobre todo nas cidades, identificava-se o galego com o nacionalismo. É dizer, se falavas em galego eras nacionalista (risos). Nom havia divisom possível. (risos). Entom sim que identificavam o meu câmbio com umha ideologia. E naquele momento tinham razom, nom?, pero *vamos... eh...* identificarom isso, o meu câmbio de idioma por umha ideologia e, como nom estavam de acordo com essa ideologia, e ademais eram pessoas bastante reaccionárias e tal, pois... pareceu-lhes... mal...

pouco correcto...

V: ¿Cuál fue la reacción de tu familia?

E: (Risos) Pois foi um pouco... *bueno*... O meu pai, *bueno*, assumiu-no como algo normal. A minha nai também, assumiu esse câmbio como a manifestação externa dumha ideologia e... tivo medo, ao principio... ela pensava que se volvia ganhar a direita umhas eleições íamos volver aos tempos de Franco. E ainda o pensa agora... pero daquela ainda o pensava mais... Pensava que... era um perigo falar em galego, e manifestar abertamente as ideias era um perigo. E... nisso insistia moito tanto a mim como aos meus irmans que... que... que tivéssemos moito cuidado (risos)...

V: Comentabas que tu hermano también empezó a hablar gallego contigo, cuando tu empezaste, ¿y tu hermana?

E: A minha irmã tardou um pouco mais.

V: ¿Por qué crees que fue?

E: Eh... ao principio... eu cuido que foi por... por desconhecimento... por *prejuízos*. Porque, *bueno*, o nacionalismo daquela, e agora incluso, eh... mediaticamente estava moi mal considerado... E... isso fixo à maior parte..., umha grande parte da *povoação*, interioriza-se, esse... umha série de prejuízos contra o nacionalismo... que depois se manifestavam, pois, de formas diversas, pois, em nom querer falar galego..., quero dizer..., e a minha irmã, sim que se quadra tinha interiorizada... hmm... umha certa... repulsom contra... ou, polo menos, intentava conter, nom?, o seu interesse polo nacionalismo. E..., e tardou um pouquinho mais, pero ao final deu-se conta de que o que tinha nom era mais que *prejuízos*, destes que se vam assumindo. Porque os meios de comunicação som como som e te bombardeiam com... sabe Deus quantas cousas. E se deu conta de que nom, que realmente o nacionalismo nom era aquilo que se *plantejava* nos meios de comunicação, que era umha cousa completamente diferente... e... também... um pouco mais tarde, se quadra um ano mais tarde, pero produziu o câmbio também. Sim, *empeçou* a falar em galego, *empeçou* a interessar-se pola cultura do país e demais...

V: Comentabas que ahora hablas gallego prácticamente todo el tiempo...

E: Sim, todo o tempo.

V: ¿Te sueles adaptar a la lengua de tu interlocutor?

E: Eh..., nom.

V: Es decir, si un gallego te dice que no entiende gallego, ¿le hablarías en español, en castellano?

E: Se um galego me diz que nom entende? Nom. A ver, eu... a ver. Adaptar-se... ai matizaria um pouco. Quero dizer, eu nalgum momento sim me adapto, pero me adapto em questons mui pontuais

e, é dizer, nom é umha cousa generalizada. Por exemplo, eu, sim, tenho-me adaptado quando umha pessoa que nom é galega, me diz... ao melhor, pois que vou pola rua, me perguntam por umha rua, e é umha pessoa que nomé galega, pois para facilitar a comunicação num momento mui concreto podó falar-lhe em espanhol ou noutro idioma, se o conheço, falo-lhe noutro idioma. Eh...

V: ¿Ahí harías distinción entre un madrileño y un colombiano, por ejemplo?

E: Eh... (suspiro).

V: Es decir, ¿alguien de España te debería entender, en tu opinión?

E: Nom, nom, eu nom lhe obrigo a ninguém a entender-me... nem... o... O que passa é que hai que entender umha cousa: eh... assim como eu nom lhe obrigo a ninguém a entender-me, ...eh... o que nom me pode obrigar ninguém tampouco é, sobre todo dentro do meu país, a utilizar umha língua que nomé a minha. E dizer, o... o... E isso em Espanha passa moito, por que?, porque os Espanhóis tenhem moitos *prejuízos* contra os galegos. Entom, venhem aqui pensando que todo o mundo lhes tem que falar espanhol porque sim... E isso nom me parece correcto. Eu estou no meu país, falo a minha língua porque é o que devo fazer no meu país... Entom, eh... se vem um *madrilenho*, eu, num momento mui pontual, pois isso para indicar-lhe umha rua e para facilitar esse intercâmbio, podó, ter a deferência (risos) de falar-lhe em espanhol. Pero isso nom quer dizer que eu tenha que dirigir-me a todos os *madrilenhos* em espanhol. Nom, eu dirigirei-me na língua com a que me dirijo... Por que eles tenhem que compreender que quando venhem a Galiza estam atravessando, nom umha fronteira real, pero sim, eh... umha... Estam passando dumha extensom geográfica com umha cultura e umha língua diferentes... eh... a outra. Entom tenhem que entender que se fala outro idioma e que tenhem que respeitar isso. Igual que se vam à França ou se vam a qualquer outro país, tenhem que entender que ali hai outro idioma e tenhem que respeitar essas pessoas e esse idioma e essa cultura... Isso... eh... está claro. Entom eu, podó ter a deferência de falar-lhes noutro idioma numha situação mui concreta pero tenhem que entender que aqui se fala galego e que o normalé que, se se querem comunicar, terem que ter polo menos uns mínimos conhecimentos de galego, como se vam à França terem que ter uns mínimos conhecimentos de francês. E isso é... Entom eu, sim, podó amoldar-me em condições mui concretas e, *bueno*, simplesmente para facilitar a comunicação.

V: Cuando dices “a minha língua”, ¿te refieres únicamente al gallego?

E: Eh..., sim.

V: Pero Galicia es oficialmente bilingüe...

E: Oficialmente... (risos).

V: Entonces, ¿no consideras el castellano tu lengua?

E: (Risos) Sim, pero *bueno*, se consideramos que Galiza, sim, é oficialmente bilingue e Galiza também

forma parte... quero dizer, Galiza tampouco esta considerada como um Estado... próprio... pero isso nom quer dizer que eu me considere espanhol... (risos). É dizer, oficialmente, sim, Galiza está ligada a Espanha, pero nom quer dizer que eu me considere espanhol. Entom, sim, Galiza é bilingue, pero eu nom considero o espanhol como a minha língua...

V: ¿Te consideras gallego?

E: Sim.

V: ¿Únicamente?

E: O qual nom quer dizer que... nom me goste o espanhol... O espanhol como língua, gosta-me, conheço-a e nom me importa expressar-me em espanhol fora de Galiza, pois, quando vou a Espanha ou se fosse a Latino-América ou a qualquer outro país onde se fale espanhol. Nom tenho nenhum tipo de problema, nenhum tipo de *prejuízo* contra o espanhol, pero reconheço que nom é a minha língua. Também falo outras línguas e nom tenho nenhum *prejuízo* contra elas e parece-me estupendo e se por mim fosse pois se quadra apreenderia mais. Nom tenho problema nesse sentido, pero reconheço que nom som a minha.

V: ¿Te parece que cuando hablas en gallego tienes un acento español, o al revés?

E: *Bueno... ai... euh... claro. A...* as pessoas, principalmente que falamos em galego pero que se quadra nom é a nossa língua... quero dizer, nom é a língua na que nos expressamos dende sempre... sim que, para moita gente, temos umha língua se quadra um pouco artificial. Nom? Porque é umha língua apreendida, euh... dum jeito... Ainda que... à fim e ao cabo o mamamos dende pequenos e... sim que... a nossa preocupação, ao nom ser a língua que falávamos, foi sempre atender a apreender e a... a assumir umha língua de livro, quero dizer, umha língua que provavelmente pouco tem que ver com o e... sim que... a nossa preocupação, ao nom ser a língua que falávamos, foi sempre atender a apreender e a... a galego que se fala no rural, em distintas..., em cada umha das suas zonas, nom? Entom sim que podemos nom ter... bem o acento da nossa zona e bem nom um acento galego mui marcado. De feito, se falamos em espanhol, moitas vezes mistura-se j á o acento galego que podamos ter naturalmente com o acento espanhol, e dizer, nom... nom se identifica moi bem o nosso acento.

V: Cuando dices “falamos”, ¿ a quién exactamente te refieres?

E: A quem? Ah, *bueno*, falamos digo... pessoas... (sim... nesse sentido...) das pessoas que... nom falamos galego dende sempre. É dizer, aquelas pessoas... os neofalantes que, euh... num momento dado na nossa vida decidimos nom... euh... começar a falar em galego, nom? Entom..., é umha tónica, se quadra é generalizar demasiado, pero sim que é umha constante nos neofalantes. É dizer, polo menos a minha visom, ou polo menos no meu conhecimento, as pessoas que conheço que som neofalantes... sim que, mália que intentamos, se quadra nalguns casos artificialmente, reforçar o nosso acento galego ou as nossas expressons mais galegas, hmm... nom nos sai natural... É dizer, sai às vezes um pouco forçado. E falo sim, isso, refiro-me às pessoas que se quadra... com as que eu

tenho mais confiança e que som neofalantes.

V: Comentabas que tu madre, al principio, tenía miedo cuando pasaste a hablar más gallego... de que pudieses tener problemas... ¿A ti te paso alguna vez, a parte de lo que contaste, en el instituto, que algunas personas dejaron de hablar contigo, tuviste algún problema, o que te discriminasen por hablar gallego?

E: Hmm... eh... Sim... sim me sentim... bastante... ofendido, nalgumha entrevista de traballo. Nas entrevistas de traballo, fixem algunha entrevista de traballo em... em Vigo... e fixem algunha entrevista de traballo em Santiago, com gente que vinha... que nom era de Santiago mesmo, quero dizer, destas pessoas que vam de cidade em cidade fazendo entrevistas de traballo... e sim que o feito de... de falar em...

V: ¿Eran gallegos?

E: Eh? Sim, em moitos casos sim, eram galegos. E sim que o feito de falar em galego era algo que nom... Se notava um distanciamento... É dizer, nom era algo que lhes agrada-se em extremo. E sim que... eh... cheguei a sentir-me... *vamos*, nom sei se discriminado, pero sim... um pouco afastado do que... do que eles estavam buscando e, se quadra, *bueno*, sim violentado, polo menos.

V: Pero, ¿te lo dijeron abiertamente?

E: Nom, homem, numha entrevista de traballo nom che podem dizer isso abertamente porque se nom... (risos) ... apareço ali com um advogado (risos) e... “mira, *repítemelo*” (risos).

V: Y en otros ámbitos, ¿no tuviste ningunos problemas?

E: Homem... tanto como problemas... nom...

V: O, digamos, molestias...

E: Sim... homem, às vezes... sim que se... sobre todo em cidades. No rural já nom, porque no rural o uso do galego j á é algo mais normalizado, nom?, pero nas cidades sim que é comum, vas a umha tenda, pedes qualquer cousa em galego... o dependente finge que nom te entende e cousas assim... Isso sim que passa. Sim que passa e tem-me passado.

V: Entonces, para encontrar un buen trabajo, ¿es mejor hablar..., o es mas útil, digamos, hablar mas... hablar castellano?

E: Dependendo do traballo e dependendo da zona. Ou seja, se é para traballar numha cidade, e dependendo também em que cidade, por exemplo Vigo ou A Corunha, falar galego pode ser um limitante à hora de atopar um traballo..., um traballo de certa qualificação...

V: Un buen trabajo, digamos...

E: Sim, um trabalho... Todos som bons trabalhos... (risos). Hai-nos de mais qualificaçom e de menos qualificaçom, pero, *vamos*, quero dizer, eh... sobre todo um trabalho que signifique trabalhar cara o público, atençom ao publico e demais... falar em galego, sim pode ser um limitante. No rural, por exemplo, no meu trabalho, no trabalho que eu tenho actualmente, falar espanhol é um limitante... porque se fala quase única e exclusivamente com galego-falantes. E com pessoas, eh..., já nom só galego-falantes, se nom que tenhem moi assumido o galego. E que, se chegasse umha pessoa falando espanhol..., desconfiariam por sistema dumha pessoa que fala espanhol. Ou seja, manteriam as distancias com umha pessoa que fala espanhol. Entom, para o meu trabalho, que é um trabalho, hmm... para o mundo rural, como engenheiro, eh... falar espanhol seria um limitante. Um limitante, eh... forte. Para... pero *bueno*, eu sigo dizendo, para trabalhar numha cidade e trabalhar, já nom s ó numha cidade, se nom nas cidades mais grandes que tem Galiza, pois por exemplo, A Corunha ou Vigo, falar em galego e intentar optar a um posto de atençom ao público ou de certa qualificaçom, sim seria um problema. O galego é um problema...

V: Y, por exemplo, comentabas que cuando vas de compras también puede pasar... que es mejor hablar en castellano...

E: Nom é que seja melhor, pero, *bueno*, é dizer, sim que hai..., e nom todo o mundo, hai vezes que hai gente que lhe dá igual, nom?, pero sim que tenho atopado dependentes e dependentas de comércios que fazem assim... que fingem nom entender o que lhes dizes. Polo menos que nom che dizem a primeira... a primeira vez que lho dizes nom che entendem ou fazem que nom che entendem... Entom tens-lho que repetir umha segunda, ou umha terceira, vez... Sim, isso sim que passa...

V: ¿Y cuando vas al banco, por ejemplo?

E: Quando vou ao banco...

V: O a hacer un trámite administrativo...

E: Eh... Nom, nom noto... nom noto...Polo menos aqui em Santiago, nom hai problema. Porque também estam... Santiago é umha cidade pequena, com moita gente que usa o galego normalmente, e estam afeitos. Nom, nom... nom fazem essa diferencia. Ademais que... em Santiago por exemplo em moitos casos o galego... hmm... identifica-se também com gente de certa cultura... hmm... porque, para moita gente, o galego, como para mim, foi umha eleiçom.

V: ¿En qué sentido?

E: Foi umha eleiçom porque podíamos ter elegido falar em espanhol. Pero, realmente, falávamos espanhol e fixemos o câmbio, ou seja, foi a eleiçom nossa. Eh... e... normalmente, e sobre todo em Compostela, as pessoas que falam em galego tenhem um nível cultural elevado, porque j á é umha eleiçom, é dizer, já é algo premeditado. Falam em galego, pero dum jeito premeditado, é dizer, pensarom por qu é falam em galego, seguem estudando e seguem aumentando os seus conhecimentos. Entom, eh..., isso, aqui em Santiago vê-se, e..., e os dependentes de bancos e cousas assim sabem diferenciar umha pessoas que, pois, é um paisano que falou galego toda a vida, e que

pode ter umha cultura altíssima..., e também sabem diferenciar as pessoas que falam galego por ideologia, por..., *bueno*, porque falam galego com premeditação. É dizer, fixerom umha reflexom prévia e falam galego porque tenhem umha ideologia moi clara, moi marcada e moi definida.

V: ¿Tienes algunos amigos que hablan en castellano?

E: Pois... sim, suponho que sim. A verdade é que agora mesmo... Sim, aos... amigos de NOM... (risos) falam em espanhol. Sim, algum, sempre hai... Pero nom supom um problema. Polo menos para mim, *vamos*. Nom sei se para eles supom um problema que eu fale galego, pero *bueno*, para mim dende logo nom... (risos) ... supom um problema que falem em espanhol.

V: ¿Y el gallego te parece una lengua más próxima al portugués o al castellano..., o una lengua en si misma?

E: Eh... *bueno* (risos). Nom, aqui hai que matizar moitas cousas porque o que sim se produziu historicamente foi umha espanholização, umha dialectalização, do galego. Quero dizer, os espanhóis, (como... pessoas incultas e com *prejuízos*..., polo menos e sobre todo, eh... *bueno*, nom polo menos e sobre todo, pero sim..., quero dizer, já é umha questom onde... os Reis Católicos, que os espanhóis tenhem problemas com os galegos, nom? Entom sim que pretenderom... O que se pretendeu foi umha cousa já..., também premeditada dende o Estado Espanhol, foi a dialectalização do galego: Fazer que o galego fosse um dialecto do espanhol... e separa-lo cada vez mais... (porque assim... os espanhóis tenhem *prejuízos* contra os galegos, pero também tenhem *prejuízos* contra os portugueses...) pois separar... qualquer signo de identificação do galego com o português. Entom, eu sim que considero que o galego e o português som a mesma língua. E sim considero que o actual galego, o galego oficial, eh...é um idioma espanholizado... E sim entendo que o galego deveria volver a sua raíz e... manter um achegamento com o português.

V: ¿Crees que existe algo como... un gallego correcto?

E: (Risos).

V: Porque comentabas que los neofalantes lo que hablan es un poco “artificial”, en algún sentido... Entonces, ¿con qué lo estás comparando?

E: O..., claro, o que existe é umha normativa oficial... e o que..., por exemplo, eu, o que falo, intenta ser umha normativa... intenta, *bueno*, nom chegar-se, nom intenta ser, pero sim é um galego oficial, nom?, que... na maior parte dos casos pouco tem que ver com o galego que se falou de sempre, pois, nalgumhas zonas do rural e demais... Tem pouco que ver porque... nom é que seja um galego artificial, nom?, pero... nom sai... com naturalidade. É dizer, a um galego de qualquer parte do rural deste pais, vas, falas com ele, tem as suas expressons próprias, já feitas, assim, herdadas e... as construções som também moi próprias... moi... moi galegas, e... o jeito de falar que tem, incluso a contaminação espanhola, em particular, é dizer, as palavras espanholas que introduz na linguagem saem-lhe dumha forma eh... completamente natural, mália que seja umha contaminação, pero saem-lhe dumha forma natural. Eh... nisso, nos neofalantes, ou polo menos em mim, nom se... nom

se nota essa naturalidade à hora de falar. Que.., naturalidade que naturalmente se vai ganhando com o passo do tempo, nom? Porque evidentemente com o uso da língua vas normalizando incluso... pero... pero, nom, nom é natural. Sobre todo também porque hai moitos rasgos, eh..., moitos rasgos que, por exemplo, identificariam à minha zona: sесеio, a gheada e demais, que eu nom a tenho. Quando, polo meu nascimento, e se o galego estivesse normalizado de ali de onde ou venho, deveria... já por umha questom social, por umha questom de viver num entorno onde, eh... a gheada e sесеio existe, eu deveria ter essa gheada e esse sесеio. O que passa é que eu nom a tenho, por exemplo. Entom, eh ... ainda que eu vaia a umha zona... da zona de Trasancos, da zona de Ferrolterra, onde se fala galego, nom vou... vai existir sempre essa diferençia entre mim..., entre as pessoas que naturalmente falam galego e mais eu, que foi..., o meu foi posterior. É dizer, nom foi de nascimento... Vai-se notar sempre essa diferençia, e, de feito, nota-se. Um companheiro meu de... de trabalho, por exemplo, notou moito... Ele é da Corunha, da cidade da Corunha, fala galego, é um neofalante também, e agora trabalha em Ourense.... E todo o mundo o diz, é dizer, tu, vale moi bem, falas galego, vives em Ourense dende hai moitos anos, pero nota-se que nom és de Ourense (risos). E nota-se que nom é de Ourense, como fala, como se comporta e, nom... nom... Pode viver ali toda a vida pero nom vai ser ourensam nunca (risos). Entom, todos esses rasgos particulares da minha zona ou de qualquer outra zona, eu nom o tenho. O meu é moito mais neutral, o meu galego. Entom, pois é... nesse sentido é umha pobreza. Nom quer dizer que eu fale um galego correcto... Se quadra se... se colhemos a normativa o meu galego vai ser mais ou menos correcto, ou correcto dentro dessa normativa, sempre entre *cominhas*, nom? Pero, evidentemente, galego correcto vai ser sempre o dumha pessoa que falou em galego dende sempre, que guarda todos esses rasgos vocais, todos esses rasgos de léxico, gramaticais e demais... Isso vai ser o galego correcto. E eu, intentarei, pois, dentro das minhas possibilidades falar melhor ou pior, pero... (risos) ...pero vai ser sempre artificial, provavelmente...

V: Si no te importa, ¿me podrías decir si ya tienes tu propia familia?

E: (risos) Homem, dende que nascim tenho a minha própria família (risos). Sim... Sim...

V: Es decir, ¿te has ido de la casa de tus padres?

E: Sim, dende que... marchei... à universidade... Quando estava na universidade volvia regularmente à... à casa dos meus pais, pero... pero dende aquela já nom... nom volvim assim... tal, nom volvim para quedar permanentemente, nom? Já considereei a minha casa, já... os diferentes sítios onde fum vivendo já os fum considerando a minha casa. E agora mesmo estou aqui instalado em Compostela dende hai já quase dous anos, vai fazer dous anos em maio, creio. E..., nada, e vivo com a minha companheira... desde hai já... mais dum ano, ou quase.

V: ¿En qué lengua habláis, cuando estáis juntos?

E: Em galego. Sim, falamos em galego só.

V: ¿Ella ha hablado siempre en gallego?

E: Nom, é neofalante também. *Empeçou...* De feito quando nos conhecemos falava espanhol. E... e... cambiou. Cambiou também por... poderia-se pensar que por influencia minha, pero eu considero que foi mais por... porque ela mesma foi descobrindo o... outro ambiente e foi, *bueno*, foi identificando-se mais com o galego que com o espanhol.

V: ¿Ya tenéis niños?

E: Nom (risos)

V: ¿Tenéis pensado tenerlos?

E: Polo de agora nom (risos). Se quadra num futuro, pero agora mesmo nom, dende logo.

V: Si un día... los tuvieses, ¿en qu é lengua les hablarías?

E: Em galego.

V: ¿Y ella?, si lo puedes decir...

E: Hmm... cuido que também lhes falaria em galego... O que passa é que ai hai um problema... mui grande, nom? E é o feito da normalizaçom, o feito de que o galego nom é... nom é umha língua normalizada. Eh... porque, quero dizer, hai umha... para mim hai umha conceiçom, que esta moi generalizada na *povoaçom*, é errónea. A gente galega pensa que fala em espanhol porque é umha eleiçom sua. E isso é... para mimé falso. A maior parte da gente em Galiza fala espanhol porque é a língua na que se educou dende pequeno. Entom, nom foi umha eleiçom porque nunca fixerom umha reflexom de por qu ê falavam em em espanhol. E chegarom à conclusom “eu falo espanhol porque quero falar espanhol”. Nom! Foi um feito social, imposto. Indirectamente imposto, porque, evidentemente, se ninguém fala em galego eh... a pessoa, umha pessoa nova, que chega pois a umha guarderia, a um centro educacional e atopa-se um entorno espanhol-falante, vai *empeçar* a falar em espanhol. Porque é o entorno o que o influi. Pero nom é umha decisom meditada. Nom é que a gente medita que fala em espanhol porque quer. Entom, o que realmente sim é certo é que os neofalantes fazem umha escolha. Entom, reflexionam, por qu ê querem cambiar de idioma e passam do espanhol ao galego. Pero espanhol-falantes que falarom espanhol dende o princípio, nom fazem essa escolha. É dizer, nunca tiverom a possibilidade de reflexionar sobre isso... Ou se tiverom... pero nom chegarom a essa reflexom. Porque j á foi algo imposto pola própria sociedade. E nom se dam conta de que sim que lhes influi ao resto... porque por exemplo gente que vem do rural e vai a umha cidade, vai à Corunha e tal, vem do rural falando em galego, e chega a umha cidade e nota esse choque... e nota certa... violéncia, certa hostilidade fronte ao galego. E, em moitos casos, eh... passam de falar galego a falar espanhol. E nomé umha decisom própria, é umha decisom de influéncia do meio. É dizer, tampouco é umha decisom reflexionada de dizer “vou falar espanhol porque considero que o espanhol é a minha língua”. Nom, dizem “vou falar espanhol porque aqui é o que fala todo o mundo” (risos) “e se nom falo espanhol nom vou quadrar”. Como dizia um... um... *bueno*, j á quase se converteu num dito popular “se falo em galego *ligo* menos”, nom? (risos). Entom, fronte a esse feito de ligar menos, hai que amoldar-se, entom, eh... issoé assim, nom? E...

e à hora de ter filhos, pois isso é um problema. E dizer, *plantejar-se* ter filhos... *plantejar-se* de que os filhos podam ter umha educação em galego..., na casa sim é possível, provavelmente, pero no entorno fora da casa, no exterior, é praticamente impossível, a nom ser que se vaia um para o rural, é impossível que os... porque, é dizer, já até o de agora, neste momento, tal e como estão as coisas, é moi complexo atopar um centro, bem seja umha *guardaria* ou um colégio de primária ou um de secundária ou o que seja, no que haja umha educação em galego. Entom, ai... pola experiência que... que tenho de ver aos meus companheiros de trabalho e outra gente que tem filhos e que busca umha educação em galego, e que, no momento em que... em que saem os seus filhos da casa, falam espanhol. Ou falam espanhol, ou falam mistura dos dous idiomas. Pero é-lhes moi complicado que os seus filhos falem em galego.

V: ¿Y no tendrías miedo que tus niños podrían tener algunos problemas por hablar gallego?

E: Eh... Pois, homem... sim é umha possibilidade. Pero é que nom se pode viver com medo. Quero dizer, assim como eu afrontei os possíveis problemas que puderam surgir polo feito de falar galego, eh... entendo que os meus filhos poderam também... eh... passar esses problemas e nom creio que tenham mais problemas dos que tiveram eu para... para falar em galego e seguir tendo umha vida normal. Aguardo que tenham... O que sim me preocupa e que sigam tendo a possibilidade de falar em galego (risos). Porque é evidente que no... na situação na que estamos, estamos com umha perda constante de... de falantes. E isso sim que pode chegar a ser um problema. Mais que o feito que... pola própria inércia dos... dos espanhóis-falantes na Galiza pois... podam ou nom ter problemas de comunicação e demais... Pero... seria um problema mais grave se o... que o galego desaparecesse por completo (risos). Como já se augura... nalguns eidos... Isso seria o mais preocupante.

V: ¿Pero te parece que realmente podría desaparecer? Si opinas que el gallego y el portugués son la misma lengua...

E: Homem... (suspiro). Como em todas partes... A ver... O galego e o português podemos considerar que som a mesma língua, pero... assim como dentro da Galiza, igual que... igual que dentro de Portugal, o galego... o português do sul nom é igual que o português do norte, e o galego das Rias Baixas nom é igual que o galego de Burela. Quero dizer, hai essas diferenças. Eu penso que, ainda que sim produzamos um achegamento ao português, temos que seguir mantendo essas... esses rasgos que identificam o galego e que o separam do português, pero separa-no, nom dumha... dum jeito real, quero dizer, nomé umha separação real, nom hai umha fronteira entre o galego e o português. Simplesmente hai matizes, que diferenciam, rasgos que diferenciam as... as línguas. Pero som rasgos que, incluso dentro dumha mesma língua, se atopam esses rasgos diferenciadores, nom? Entom, eu sim considero... preocupante que, eh..., se bem som umha mesma língua, pero sim que se perdem todos esses rasgos diferenciadores, sobre todo porque a gente se passe ao espanhol. Quero dizer que o espanhol, que agora mesmo sim é umha língua provavelmente maioritária, pero nom é a única que se fala, afortunadamente. Que chegue um ponto no que se perda todo esse... essa diversidade, toda essa riqueza e que falemos todos coma mim... quero dizer, umha pessoa que uniformiza o idioma, basicamente porque tivo que adopta-lo a medida que o ia aprendendo, nom? Entom isso seria um erro. Seria um erro e seria um problema grave, porque estaríamos perdendo a riqueza cultural do

nosso país. Igual que nom podemos assumir o português tal e como... está, porque o português já sofreu a sua evolução própria como língua normalizada no seu país e... nós assumir completamente o português assim dumha maneira... tal, seria um erro porque também estaríamos perdendo parte da nossa riqueza, nom? Entom, sim, fazer um achegamento com o português mantendo essas... esses rasgos, nom?, próprios. E isso... pero... *vamos*, sim que realmente seria um problema moi grave que chegássemos a perder, eh... o galego como língua de uso. O que lhe chamam, incluso a *musoli... muso... museualizaçom*, nom, *muse... bueno*, nom sei como o dizer... meter a língua num museu, nom? Eh... isso seria o... o último passo para a desapareçom completa do galego. É dizer, o galego nom pode estar num museu, o galego tem que estar na rua, tem que estar vivo e tem que evoluir. (Suspiro) Se nos *cargamos* todo isso nom importa que adoptemos... que consideremos que o galego e o português sejam a mesma língua... nom importa o que façamos. É dizer, se desaparece isso, vai desaparecer a língua. Basicamente porque nom vai haver quem a use (risos). (Suspiro) Nom porque a língua desapareça, sempre vai quedar escrito, pero se... se a gente nom a usa pois é como perdela.

V: ¿Entonces para ti seria perder... la cultura o una parte de la cultura gallega?

E: Sim... Eu penso que seria perder o eixo fundamental da cultura galega. Sim, quero dizer, quedaria a música, quedariam moitas outras cousas, pero o... Quero dizer, o eixo fundamental, porque umha língua nom é simplesmente o que se fala, se nom como se fala. E dizer, eh... eu que sei... Um galego quando utiliza a suas expressons está hmm... descrevendo, hmm... rasgos mui particulares da sua personalidade. A própria personalidade das pessoas vai na língua, nom?, como expressamos a língua... Entom, se estamos perdendo isso, estamos perdendo também parte da nossa identidade. Estamos perdendo umha grande parte da nossa personalidade. Como pessoas... Já nom estou falando, é dizer, de perder umha língua. Estamos perdendo-nos a nós mesmos.

V: Cuando dices “nós mesmos”, ¿te refieres a los gallego-hablantes o a todos los gallegos?

E: A todos os galegos. Sim, incluso... Porque hai, eh... galego-falantes, eh..., incluso pessoas, nom?, pessoas que falam espanhol, pero que incluso com, eh..., mantemem as construçons galegas, nas sua... gramática. Entom, e dizer, som espanhol-falantes, pero..., digamo-lo entre *cominhas*, porque, à fim e ao cabo, som mais galegos que outra cousa (risos).

V: ¿Lees mucho, libros o la prensa?

E: Eh... leio mais livros que *prensa*, provavelmente (risos).

V: Y, habitualmente, ¿escoges un libro en gallego o en castellano también?

E: Hmm... mais que... *bueno*, agora, eh... estou adquirindo bastante... bastantes livros em galego... pero... mais que escolher um livro numha língua em concreto, escolho um livro que me interesse. Se..., evidentemente, se o livro que me interessa está em galego, adquiero-o em galego. Pero se o livro que me interessa está em espanhol, adquiero-o em espanhol... Basicamente porque me interessa, nom porque esteja numha língua ou noutra...

V: ¿Si está en los dos?

E: Se esta nos dous, o galego sempre (risos). Isso sim, o que passa é que, claro, o galego... o sistema editorial galego... quero dizer, como... tem um comercio moi limitado nom abrange ainda moitas... e dizer, moito do grande sistema mundial, literário, nom... o abrange. É dizer, queda-se em pouca cousa. Entom às vezes é complexo, um livro que pode ser interessante para mim, atopa-lo em galego.É complexo. Entom, pois, nom me queda mais remédio e... mira... leio-o em espanhol.

V: ¿Lees algunos periódicos con frecuencia?

E: Sim, algum, pero... por internet, principalmente. Pero os jornais, nom é umha cousa que me goste especialmente. Umha, porque som partidistas... e mentem como bastardos. Pero... eh... sim, às vezes sim, porque sempre hai que... algo que... tal, sempre os miro. Normalmente por internet, porque nom me vou a parar a comprar nenhum jornal, que nom dizem mais que *tonterias*. Pero... sim por internet. Simplesmente para manter-se um mínimo informado.

V: ¿Y ves con frecuencia la tele?

E: Eh... eh... sim . Praticamente todos o s dias. Nom podo precisar quanto tempo, porque normalmente nom tenho moito tempo. Pero, sim, vejo a tele.

V: ¿Qué cadenas sueles ver?

E: As que hai (risos).

V: (...)?

E: Nom, principalmente aqui vemos duas, três pontualmente. Penso que a principal som... Tele5 e Cuatro, creio que som as que mais vemos. Sim, som espanholas.

V: Si no te importa, ¿me podrías decir si perteneces a alguna asociación o partido político?

E: Eh... pois, agora mesmo, associaçõs... nom. Agora mesmo nom pertenço a nenhuma associaçom nem partido político (risos).

V: ¿Querías añadir algo a lo que has dicho?

E: Eh..., nom, *creio* que nom (risos).

V: Pues muchas *gracias*.

E: De nada (risos).

A presente edição de
A Mudança da Língua Usual
nos Novos Locutores de Galego
Neofalantes
é distribuída pola GZe-ditora
projecto editorial electrónico da
Associação Galega da Língua (AGAL),
inserido no Portal Galego da Língua
<http://www.agal-gz.org>

Títulos publicados:

16. As eleccións do "ano da gripe"
15. O nome da Galiza
14. O alemão e a Alsácia
13. Contos Grotescos
12. Cultura portuguesa e legitimación do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)
11. A Guerra Civil na Galiza: o descubrimento das valas comuns e os romances da Guerra Civil como contra-discursos do esquecemento imposto
10. Três contos (e uns trocos)
9. Mares de Queijo
8. Breves anotacións sobre a relación Galiza - Portugal na Banda Desenhada
7. A sentenza Eichman: A Liberdade de Expressão é mais que uma bandeira
6. O "Dia das Letras" no sistema literário galego
5. A euro-região económica de Galiza, Norte de Portugal
4. Conclusons do "I Fórum da Língua"
3. A Guerra Santa, e Petroleira, de Bush Filho
2. Declaração da Independência dos Estados Unidos
1. Cantares Vaqueiros
0. Temporada das Letras



Traducom: Luís González Blasco "Foz"
Coordenaçom editorial: Vítor Manuel Lourenço Peres
Concepçom gráfica: Miguel R. Penas